



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



JOSÉ ÉMERSON ALVES DA SILVA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NO ENSINO DA FILOSOFIA:
CURIOSIDADE E AUTONOMIA COMO PRINCÍPIOS DE UMA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

RECIFE

2023

JOSÉ ÉMERSON ALVES DA SILVA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NO ENSINO DA FILOSOFIA:
CURIOSIDADE E AUTONOMIA COMO PRINCÍPIOS DE UMA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito avaliativo do Mestrado Profissional em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia.

Orientadora: Prof. Dra. Célia M^a Rodrigues da Costa Pereira.

RECIFE

2023

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S586c

Silva, José Êmerson Alves da.

As contribuições de paulo freire no ensino da filosofia :
curiosidade e autonomia como princípios de uma educação
libertadora / José Êmerson Alves da Silva. – 2023.

84 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Filosofia,
Recife, 2023.

Inclui referências, apêndice e anexos.

1. Filosofia. 2. Educação libertadora. 3. Autonomia (Filosofia). 4.
Filosofia – Estudo e ensino. 5. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Pereira,
Célia Maria Rodrigues da Costa (Orientadora). II. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-209)

JOSÉ ÉMERSON ALVES DA SILVA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NO ENSINO DA FILOSOFIA:
CURIOSIDADE E AUTONOMIA COMO PRINCÍPIOS DE UMA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

Dissertação apresentada ao
Departamento de Filosofia, do Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito avaliativo do Mestrado
Profissional em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de
Filosofia.

Aprovado em: 22 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira
Departamento de Filosofia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Junot Cornelio Matos
PROF FILO UFPE

Prof. Dr. José Aparecido de Oliveira Lima
SEDUC/AL

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai que se revelou na Pessoa do seu Filho Jesus gerado no Ventre de Maria Santíssima na potência do Espírito Santo.

A Minha Família, meu Pai, Cícero Marques e minha Mãe Maria Dolores ambos (*in memoriam*), meus exemplos de vida, neles me inspiro todos os dias.

As minhas irmãs, Rosimeire e Rosicleide e aos meus sobrinhos.

Agradeço à Santa Igreja Católica Apostólica Romana, a quem devo a vida.

Agradeço a minha outra família, o Clero da Diocese de Garanhuns, ao meu Bispo Dom Paulo Jakson, por me permitir estudar; à Paróquia de São José – Capoeiras - PE, a seu povo que sempre foi a minha inspiração neste trabalho; aos colegas de sala de aula, com eles aprendi muito, obrigado pela amizade e ajuda recíproca.

Aos Professores, Professora do PROF FILO – UFPE de forma especial a Professora Dra. Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira pela paciência e determinante disposição.

“O que me surpreende na aplicação de uma educação realmente libertadora é o medo da liberdade”.

(FREIRE, 2020, p.23)

RESUMO

Este trabalho trata das contribuições de Paulo Freire no ensino da Filosofia: curiosidade e a autonomia como princípios de uma educação libertadora. O trabalho parte da linha de pesquisa, filosofia e ensino. Tem como objetivo geral explicitar de que forma a efetivação das práticas pedagógicas freirianas possibilitam, a partir das categorias autonomia e curiosidade, contribuir no processo ensino/aprendizagem da Filosofia. Através do campo metodológico de natureza empírica essa pesquisa é bibliográfica exploratória, a partir dos dados obtidos na vivência em sala de aula, que foram de fundamental importância para a construção dos resultados a partir das intervenções realizadas. O campo de pesquisa se deu no Colégio Santa Joana D'Ark, localizada na Rua Alice Tinoco, nº 10, Bairro Francisca Figueira, Garanhuns – PE, instituição de ensino que pertence à área particular; tendo como participantes da pesquisa os educadores e os educandos do 9º ano do Ensino Fundamental, existindo uma semelhança entre os participantes da pesquisa. Em cada grupo foram trabalhadas as questões relativas ao ensino das perguntas pelo sentido da vida numa educação libertadora a partir das categorias da autonomia e da curiosidade em Paulo Freire no ensino de Filosofia. Permitiu chegar a possíveis conclusões onde os participantes da pesquisa apresentaram resultados positivos quanto ao tema da pesquisa, onde foi possível identificarmos que aos professores e alunos trabalham as categorias da curiosidade e autonomia, sendo estimulados a partir dos questionários feitos em sala de aula. Percebi que a educação está na perspectiva de uma educação libertadora, levando os educandos a pensar sobre a vida e assim, abrindo um novo olhar de liberdade, tendo como significado a saída destes educandos da opressão para o caminho do fazer a sua própria história. Destacou-se a partir da pesquisa realizada, que aos alunos e professores em tela são protagonistas de um aprendizado a partir da curiosidade e da autonomia. No desenvolvimento da pesquisa viu-se que há um entrosamento aluno, professor, observou-se que os alunos e professores, de forma livre constataram, que a partir dos questionários que há uma educação libertadora que gera a autonomia do aluno visando uma educação em que aluno e professor são agentes formativos em participação.

Palavras-chave: educação libertadora; ensino de filosofia; Paulo Freire.

ABSTRACT

This work deals with Paulo Freire's contributions to the teaching of philosophy: curiosity and autonomy as principles of a liberating education. The work is part of the philosophy and teaching line of research. Its general objective is to explain how the implementation of Freire's pedagogical practices make it possible, based on the categories autonomy and curiosity, to contribute to the teaching/learning process of Philosophy. Through the methodological field of an empirical nature, this research is bibliographical exploratory, based on the data obtained in the experience in the classroom, which were of fundamental importance for the construction of the results from the interventions carried out. The research field took place at Colégio Santa Joana D'Ark, located at Rua Alice Tinoco, nº 10, Bairro Francisca Figueira, Garanhuns – PE, a teaching institution belonging to a private area; Having as research participants the educators and students of the 8th year of Elementary School, there is a similarity between the research participants. In each group, questions related to the teaching of questions about the meaning of life in a liberating education were worked on based on the categories of autonomy and curiosity in Paulo Freire in the teaching of Philosophy. It allowed reaching possible conclusions where the research participants presented positive results regarding the research theme, where it was possible to identify that the teachers and students work on the categories of curiosity and autonomy, being stimulated from the questionnaires made in the classroom. It was noticed that education is in the perspective of a liberating education, leading students to think about life and thus, opening a new look of freedom, meaning the departure of these students from oppression to the path of making their own history. It stood out from the research carried out, that the students and teachers on screen are protagonists of a learning process based on curiosity and autonomy. In the development of the research, it was seen that there is a student-teacher relationship, it was observed that students and teachers freely found from the questionnaires that there is a liberating education that generates student autonomy, aiming at an education where student and teacher are training agents in participation.

Keywords: liberating education; philosophy teaching; Paulo Freire.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2	PAULO FREIRE: DA SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA ÀS SUAS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO E AO ENSINO DE FILOSOFIA.....	13
2.1	TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	13
2.2	A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO LIBERTADOR.....	17
2.3	UMA PEDAGOGIA DO LIVRE PENSAR NA ÓTICA FREIRIANA	24
2.4	A Escola Como O Lugar Da Busca Pela Sabedoria.....	27
2.5	A ESCOLA COMO O LUGAR QUE PREPARA PARA A VIDA COMO UM TODO, DENTRO DE UM PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO.....	32
2.6	A FILOSOFIA COMO CAMINHO PARA NOVAS DESCOBERTAS	35
2.7	DO ENSINO DE FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA TRADICIONAL PARA UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA LIBERTADORA.....	37
3	AUTONOMIA E CURIOSIDADE COMO PRINCÍPIOS FUNDANTES DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE	39
3.1	CURIOSIDADE	39
3.2	AUTONOMIA.....	43
3.3	A ESCOLA COMO O CAMINHO DO SABER EM VISTA DA CURIOSIDADE E AUTONOMIA	49
3.4	A FALTA DE PREPARAÇÃO DOS EDUCADORES NO ENSINO DE UMA FILOSOFIA LIBERTADORA	50
3.5	A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA DA TEORIA À PRÁTICA.....	51
3.6	A EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA.....	52
4	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: A PRÁTICA DE MÃO DADAS COM A TEORIA.....	54
4.1	O TERRITÓRIO DA PESQUISA.....	54
4.2	CAMPO METODOLÓGICO	55
4.2.1	Instrumentos para coleta de dados.....	57
4.2.2	Análise e Discussões dos dados	58
4.2.3	A palavra dos participantes da pesquisa: Discentes	61

4.2.4	A palavra dos participantes da pesquisa: Docentes.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS.....	74
	APÊNDICE A – Imagens da pesquisa em campo	76
	ANEXO A – aula 1: Curiosidade.....	79
	ANEXO B – aula 2: Autonomia.....	81
	ANEXO C – Curiosidade/Autonomia na visão dos educadores	83

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A construção desse estudo iniciei a partir de 2010 com a primeira graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana, vindo futuramente em 2012 a cursar mais uma graduação, dessa vez em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia, proporcionando assim, um novo olhar dentro do campo do educador e do educando.

Em 2020 ingressei no Mestrado profissional em Culturas Africanas, da Diásporas, e dos Povos Indígenas, pela Universidade de Pernambuco/ *Campus Garanhuns* – UPE/PROCADI. Em meio a esta vida no campo acadêmico trabalhei com temas que abordam a Educação e Filosofia.

Uma nova visão no campo da Educação permitiu buscar para compreender quais foram as contribuições de Paulo Freire no Ensino de Filosofia? A partir desta indagação central deu-se abertura a novos questionamentos tendo como referência a pedagogia freiriana para o ensino de Filosofia, em contraposição, às dificuldades enfrentadas na vivência dos conteúdos no contexto de sala de aula, perguntando-se: É possível o uso da pedagogia freiriana a partir das categorias da curiosidade e da autonomia, possibilitando efetivar o processo ensino/aprendizagem da Filosofia?

O desdobramento e melhor abordagem desse problema conduz à reflexão de que a dificuldade no processo educativo tradicional, no dizer de Paulo Freire a “Educação bancária” poderá mudar a partir da pedagogia libertadora levando o educando a ser agente ativo do processo de aprendizagem da filosofia? Bem como o educador como aquele que está inserido no processo, como aquele que ilumina o caminho do saber, poderá a partir das categorias freirianas da autonomia e da curiosidade ensinar filosofia?

Diante destes fatos e indagações, o ensino da filosofia a partir das categorias freirianas da curiosidade e da autonomia, fazem com que educador e educando saiam deste círculo vicioso de um ensino de filosofia como uma história da filosofia, não despertando no educando o ato de filosofar, mas meros repetidores enfadonhos de frases de efeito dos grandes filósofos gregos.

Dessa maneira através do objetivo geral buscou-se explicitar de que forma a efetivação das práticas pedagógicas freirianas possibilitam a partir das categorias autonomia e curiosidade, efetivar o processo ensino/aprendizagem da Filosofia.

A pesquisa teve como objetivos específicos, o de apreender as contribuições de Paulo Freire para um ensino de filosofia na concepção de educação libertadora; aprofundar as categorias da autonomia e da curiosidade a partir da concepção de Paulo Freire como basilares do ensino de filosofia; investigar experiências pedagógicas desenvolvidas a partir das categorias da autonomia e da curiosidade no ensino de filosofia.

Para atendermos e alcançarmos os objetivos aqui apresentados fizemos uso dos métodos e procedimentos da pesquisa que teve uma participação de grande importância no caminho metodológico. A finalidade desta se consubstanciou na investigação exploratório-descritiva, com caráter descritivo. Tratando da pesquisa exploratória Gil afirma (2008, p.27):

As pesquisas exploratórias têm como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] habitualmente envolve levantamentos bibliográficos e documental, entrevistas não padronizadas e estudo de caso.

Nossa pesquisa se realizou no Colégio da rede particular Santa Joana D'ark com educadores e educandos do 9º ano do Ensino Fundamental buscando investigar o uso da educação libertadora a partir das categorias da autonomia e curiosidade de Paulo Freire no ensino da filosofia.

A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador ter uma melhor compreensão dentro do tema pesquisado, fazendo assim, com que se construa uma ponte entre a teoria e a prática para que dessa forma seja, melhor possível uma análise das pesquisas ou na manipulação de suas informações (MARCONI; LAKATOS, 1992, p.44)

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório como a de campo (documentação direta) exigem, premissa, o levantamento de estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. Portanto, a pesquisa bibliográfica pode ser considerada como o primeiro passo de toda pesquisa científica.

A pesquisa bibliográfica tratada deu bases teóricas neste trabalho e a pesquisa documental nos dará base para o entendimento do ensino da filosofia a partir da educação libertadora ensejada nas categorias da autonomia e da curiosidade.

Neste diapasão é mister dizer que não há aprendizagem sem abertura ao novo e que leve a uma atitude autônoma. A dissertação está dividida em quarto (4) capítulos.

Iniciando com uma breve consideração, explicando a necessidade e o motivo para a realização e importância da pesquisa.

No primeiro capítulo abordei a figura do educador Paulo Freire, sua história e contribuição para a educação mundial. Aqui não se quer apresentar uma biografia do autor em tela, mas trazer presente parte da sua trajetória de vida e a sua grande influência na educação participativa libertadora. Educação, que na pesquisa em tela, se dá a partir da curiosidade e da autonomia, pautada por Freire em sua vasta obra.

O segundo capítulo apresento o referencial teórico que dá embasamento na pesquisa aqui realizada. Através de um olhar na educação freiriana a partir das categorias da curiosidade e da autonomia compreender como essas possibilitam um ensino da filosofia a partir deste olhar no campo da escola entre educadores e educandos.

O terceiro capítulo trato da intervenção pedagógica, construindo um diálogo entre os participantes da pesquisa com teoria no contexto da dimensão de uma educação bancária, destacando que através das intervenções pedagógicas, passa a ser uma educação baseada na prática da vida e a partir da história de cada um.

Neste sentido Freire nos apresenta uma educação pautada na participação de todos, educadores e educandos como aqueles que são construtores do saber. A pesquisa busca analisar se a partir das categorias da curiosidade e da autonomia se apresentam como facilitadoras nas práticas pedagógicas da escola Santa Joana D'Ark.

A partir da pesquisa bibliográfica de cunho exploratório em contato com os alunos e professores demonstro se as categorias da curiosidade e da autonomia se efetivam como práticas pedagógicas, no âmbito da escola citada, como práticas que facilitam o ensino da filosofia e não só, mas se estas categorias são usadas como uma prática constante na escola pesquisada.

E finalmente o quarto capítulo, que apresenta as considerações finais obtidas com a realização deste trabalho.

2 PAULO FREIRE: DA SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA ÀS SUAS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO E AO ENSINO DE FILOSOFIA

O presente capítulo disserta sobre o pensar filosófico de Paulo Freire aplicado na área de educação, com base no contexto histórico e na pedagogia libertadora, explicitando as contribuições de Paulo Freire no processo educativo. As contribuições de Paulo Freire para um ensino de filosofia a partir das categorias da curiosidade e autonomia firmado na sua concepção de educação libertadora (Freire, 1996). A trajetória de Freire como professor que se dedicou à educação como uma forma de libertar as pessoas das amarras da escravidão de uma vida bitolada, a partir do pensar dos outros.

Ver a escola como o lugar da busca pela sabedoria, no entanto a falta de uma política séria no campo da educação, faz com que haja uma educação bancária, que não visa a reflexão a partir do lugar e da vida dos educandos, mas a partir de educação sem reflexão e sem o exercício do livre pensar.

2.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA

O educador Paulo Freire, desde a infância, por ouvir o pai cantar belas canções de ninar desejava ser cantor, a música mexia com a sua imaginação, as terminações das canções de ninar com sílabas fortes o despertava para o letramento. Ele foi alfabetizado no chão da sua casa com palavras que faziam parte do seu mundo, no seu dia a dia. Contudo, ficou órfão aos 13 anos, quando perdeu seu pai, e teve que interromper seus estudos. Seus irmãos o ajudaram a dar continuidade nos estudos até se formar em Direito. A partir do levantamento biográfico fica claro que seu querer era desempenhar um trabalho na área da educação.

De infância sofrida, soube o significado da luta pela sobrevivência e é justamente inserido neste processo que percebe que só buscando superar a situação de oprimido o ajudava a viver igual com seus pares. Superação esta, que deve ser uma constante na vida da pessoa, estando sempre em constante construção e desenvolvimento, gerando em si através da busca constante por novas descobertas, a tão sonhada autonomia.

Em 1943 entrou na Universidade de Direito de Recife e casou-se pela primeira

vez com a professora Elza Maia Costa de Oliveira e viveu com ela até a sua morte em 1986. Em 1947, foi nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura, do Serviço Social da Indústria, iniciando um trabalho de alfabetização de jovens e adultos carentes e de trabalhadores da indústria. (Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

Em 1959, a educação passou por um processo seletivo para a cátedra de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife com a tese Educação e atualidade brasileira. Em 1961 passa a ser diretor do Departamento de Extensões Culturais, da mesma Universidade, que o possibilitou a fazer as primeiras experiências de alfabetização onde acontece em Angicos no Rio Grande do Norte. (Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>).

Em cerca de quarenta horas e com poucos recursos desenvolveu a educação de jovens e adultos que inspirou o Plano Nacional de Alfabetização desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) no governo de João Goulart.

O início das acusações de comunista começou a partir de uma greve dos trabalhadores que exigiam seus direitos a partir das leis trabalhistas, ou seja, da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Pois o projeto de alfabetização, não só despertava para o letramento, mas para um despertar de consciências e nova visão de mundo. Outra coisa que estava em jogo era que só detinha os direitos políticos os alfabetizados, e levaria mais de seis milhões de eleitoras das classes menos favorecidas a votarem, e estes não participavam da classe dominante. Tais fatores fizeram com que o projeto de alfabetização fosse cancelado.

Desta forma estava definida a vida de Freire que fora exilado junto com dezenas de pessoas. Após setenta dias preso foi exilado para o Chile, onde coordenou projetos de alfabetização de adultos do Instituto Chileno da Reforma Agrária, durante cinco anos. Em 1969 foi convidado para lecionar em Harvard, sendo consultor e coordenador do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra na Suíça. (Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

Neste contexto histórico, surge o projeto de educação popular, de alfabetização realizada no estado do Rio Grande do Norte, que consegue em quarenta e cinco dias alfabetizar trezentos camponeses, na revolução de Angicos.

Em 1960 os países do ocidente passavam por grandes mudanças, o jovem Paulo Freire que participava do (MCP) Movimento de Cultura Popular, é chamada a

partir do seu brilhante resultado de alfabetização em Angicos (RN), o Ministro Paulo de Tarso C. Santos convida o jovem educador para um grande programa de alfabetização nacional, em 1963.

Com o golpe de 1964, que, pôs fim ao grande projeto de alfabetização nacional, Freire é preso, pois é considerado subversivo, porém, sua obra de alfabetização já havia ganhado reconhecimento internacional, consagrando-o como grande educador, sobretudo no que diz respeito ao processo de alfabetização. Uma educação que nasce da própria pessoa e a lança no caminho da liberdade e com certeza não faria bem a um governo que restringiria pouco a pouco a liberdade deste povo, em vista de uma sociedade amarrada aos porões da ditadura. No dizer de Freire (1996, p. 88):

É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar no ação política-pedagógica, não importa se projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se formação de mão-de-obra técnica.

Para que haja um verdadeiro processo de libertação, necessário se faz um verdadeiro processo de mudança, o que não é nada fácil, por que estamos sempre acostumados com as falsas seguranças a que o processo diário nos lança.

Paulo Freire além de advogado, ao encontrar-se com Ariano Suassuna, envolveu-se com o mundo do teatro lançando as bases do teatro popular, um teatro que tinha por causa a conscientização da pessoa frente ao mundo que a cerca.

A história marcada pelos seus constantes movimentos leva o Brasil a viver uma terrível situação de perseguição e perda de liberdades e, em meio aos projetos de libertação da tão sonhada educação nascem as perguntas pela vida cotidiana que gera o processo de autonomia na pessoa projetando a sociedade para os sonhos da tão desejada liberdade, e está só se dar a partir de uma educação libertadora. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

Até voltar ao Brasil em 1980, fez viagens por mais de trinta países pelo CMI prestando trabalho de consultor educacional em projetos de educação voltados para a alfabetização, uma educação que liberta e que faz do ser pensante partindo da sua realidade de vida. Implantou importantes projetos educativos em Guiné-Bissau, Moçambique, Zâmbia e Cabo Verde. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

Em 1978 com a Lei de Anistia que permitia o retorno dos exilados, retorna ao Brasil em 1980, onde vai lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(PUC-SP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Com morte da sua primeira esposa Freire se casa com a sua segunda esposa, Ana Maria de Araújo, com quem permaneceu até a sua morte em 1997. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

De 1988 a 1991 foi nomeado pela então prefeita de São Paulo Luiza Erundina, então filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), Secretário de Educação do município. Saindo do cargo, deixou em seu lugar seu assessor Mário Sérgio Cortella que ocupou o cargo até 1992.

No dia 22 de maio de 1987 morre aos 76 anos por problemas circulatórios. Em vida e postumamente foi condecorado com 48 títulos honoríficos, e no mundo cerca de 350 escolas e instituições levam seu nome. Em 2005 foi criado um projeto de Lei pela deputada Luiza Erundina, que foi aprovado e sancionado somente em 2012 pela presidente Dilma Rousseff, reconhecendo o professor como Patrono da Educação Brasileira. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>)

Freire (2020) compreende o homem como ser inacabado, sempre pronto para aprender e ensinar, sempre num processo de transformação da sua vida pessoal e social. Não há uma verdadeira transformação na vida social sem um verdadeiro processo de busca do conhecimento, mas este construído a partir da vida cotidiana, fazendo uma verdadeira indagação pelos porquês das coisas, da vida e do mundo que nos cerca. A partir das descobertas se chega à tão sonhada “*sofia*”, sabedoria que vislumbra um horizonte novo de realizações em vista de uma vida melhor para si e para os seus. Esta autonomia gerada pelo saber construído a partir de uma educação participativa leva necessariamente a uma autonomia da pessoa como protagonista das suas próprias decisões. Haja vista, quem aprende com a vida aprende fazendo de forma autônoma o que aprendeu, agora não mais uma mera cópia, mas num verdadeiro processo de recriação do novo.

Sendo assim, tratando da consciência crítica no seu livro educação como prática da liberdade afirma Freire (2020, p. 79):

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. (E aos povos também). É fazê-lo agente da sua própria recuperação. É repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante dos seus problemas.

A consciência crítica agora a partir do seu estado de vida na busca de superação de todas as formas de opressão, visa esta libertação a partir de si mesmo,

como construtor da sua própria história, não como mero participante do processo emancipador, mas como protagonista da sua libertação.

Neste processo de aprendizagem, o homem que muitas vezes é marcado por uma sociedade opressora, passa toda sua vida pensando ser isto vontade divina, coisa do destino. Tudo isso advém da ideia que tem do ambiente em que vive que não o faz pensar em outra forma de vida. Assim o processo educativo, trata-se de um processo de descoberta do sentido da vida, fazendo a pessoa sentir sinais de esperança e despertar para outra forma de pensar a vida.

Com isso, pensar a vida é abrir os olhos para a liberdade, que significa sair da opressão para o direito de fazer a sua própria história. O próprio Freire afirma (2011, p. 25):

Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos ignorantes e incapazes. Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os “perdidos”, que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno.

O processo se dá por meio de uma educação participativa, que visa inserir o homem no contexto educacional e no meio social com todas as suas problemáticas. A partir desta atitude educacional, sendo todos protagonistas do aprendizado, acontece o tão sonhado processo de aprendizagem libertadora.

2.2 A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO LIBERTADOR

A problemática da falta de conscientização das camadas mais pobres da sociedade, que são oprimidas leva Freire a reconhecer a desumanização, não como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. Há desumanização num contexto real e objetivo. Tal desumanização se dá não simplesmente em sua humanidade roubada, mas na tirada da possibilidade da vocação ao ser mais, na superação de uma marca pela desinformação, bem como no desenvolvimento de um pensamento crítico, frente à realidade vivida.

Humanidade roubada por um sistema opressor que gera uma fila interminável de desvalidos que, em meio a riqueza de poucos, se encontram na grande multidão de pobres e oprimidos por uma política econômica que só visa o lucro em detrimento de

trabalhadores mal remunerados. É desta humanidade roubada que a educação freiriana se propõe a ser um caminho em vista da libertação. Educação pautada na busca constante por superação dos meios opressores que engendra uma sociedade de classes, onde muitos nada têm e pouquíssimos detêm grandes riquezas.

Para tanto, a opressão é apresentada como problema crônico social, visto que as camadas menos favorecidas são oprimidas e terminam aceitando o que lhes é imposto. Uma vida marcada pela exploração do trabalho assalariado na justificativa vazia de que é melhor pouco do que nada.

A libertação é um parto, pois é na superação da opressão que há libertação da condição de servo. Somente a partir de um desenvolvimento de uma consciência crítica, que através de uma curiosidade constante sobre o sentido da vida, das coisas, geraria uma autonomia em vista de uma vida melhor. O sentido da vida que se percebe nas pequenas mudanças que vão acontecendo ao longo do processo educativo, no entanto, no hoje da história os pequenos passos em sala de aula a partir da curiosidade que gera autonomia será o embrião de uma vida de libertação.

As pessoas obedecem a ordens, não questionam, não lutam pela sua autonomia, há um medo de transformar a realidade em que vivem. No seu livro a Pedagogia do oprimido Freire (1996, p. 78) afirma:

Como professor se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não posso permitir a ingenuidade de me pensar igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.

Para o autor em tela, o papel do professor é se tornar artífice com seus educandos de uma educação pautada na libertação do pensamento pequeno e sem vislumbrar futuro, mas trabalhar para que seus educandos despertem para uma nova forma de ver a vida e o mundo que o cerca, este é o papel da educação do educador libertador.

Para o opressor é muito cômodo que o oprimido continue em sua condição de domesticado, sendo bem mais cômodo para quem manda, uma vez que ele não interpela por nada, nem mesmo pergunta pelos porquês. Os porquês da condição de vida que leva em detrimento de um pequeno grupo que desfruta da maioria das riquezas da sociedade.

A pedagogia que gera buscar uma restauração da pessoa, da sua humanidade,

propondo o surgimento de sujeitos críticos no comprometimento com a sua ação na história. É nesta relação dialética da subjetividade e objetividade que implica a transformação total, ou seja, transformar a teoria e prática. Segundo Freire (2011, p.33):

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem. Por isso, é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico. Começemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental no qual se sustente o processo de educação. Qual seria este núcleo captável a partir da nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem.

Só é possível, no dizer do autor acima citado, que a educação deve ser pautada no conhecimento do ser humano a partir de uma reflexão sobre si mesmo encontrando o seu núcleo fundamental que é a descoberta do que é um ser em constante construção.

Nesta busca pelo saber das coisas e do mundo que o cerca, a pessoa vai gerando em si um processo de desconstrução e construção de uma nova forma de estar no mundo não mais como um mero espectador, mas como um verdadeiro construtor do mundo que o cerca a partir da autonomia.

Desta forma a libertação não é um processo de um só, mas é a luta de todos. É nesta corrente de união de forças, lutando por um processo libertador que se dá a libertação das opressões. Mas para que isso aconteça Freire instiga a pessoa a ser construtora do seu próprio saber, justamente através da curiosidade do mundo em derredor que ele se tornará construtor do seu próprio saber. A busca pela descoberta por novos saberes, faz deste um amigo da sabedoria que não está somente nos livros, mas na sua vida diária.

Para Freire (1996), a história da educação está marcada por uma cultura arcaica que centraliza toda a atividade educativa na pessoa do professor, este se destacava como aquele que sabe tudo, enquanto o aluno era aquele que recebia todo o conteúdo ensinado. Esta educação ainda nos dias de hoje é executada em salas de aulas de todo o nosso país, por que não dizer de muitas partes do mundo.

Há uma dificuldade grandiosa no que diz respeito à passagem de uma educação tradicional ao método participativo, visto que, para se aplicar uma educação libertadora, se faz necessário, uma preparação por parte do professor, bem como do próprio aluno. Freire afirma, (1996, p. 25) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Para que essa educação aconteça é preciso abertura

do professor para o novo, em vista da sua abertura para uma nova forma de ver o processo educativo.

Para tanto, no ensino da filosofia a didática a ser utilizada deve visar um aprendizado onde o aluno a partir das suas curiosidades vai sendo o construtor junto ao professor deste novo saber, vendo no professor aquele que ensina a aprender.

De acordo com Freire (1996), a educação participativa tem o papel privilegiado ao proporcionar ao educador e ao educando uma constante busca pelo saber, ao ponto de tornarem-se parceiros nesta tarefa de novas descobertas. Contudo, é importante ressaltar que uma grande questão que precisa ser melhor trabalhada está no dinamizar a didática participativa, uma vez que faz de professor e aluno protagonistas do processo como um todo.

Tanto professor como o aluno, devem se desapegar das seguranças que a educação bancária lhe dá, pois, somente acreditando neste processo de partilha de saberes ambos sairão ganhando mais experiência nas novas descobertas. Freire (1996), conceitua a educação bancária como uma relação fortemente vertical e unilateral entre professor e aluno, educador e educando.

A escola assim, torna-se um lugar privilegiado da busca desse saber, onde todos devem através da pesquisa ampliar o universo alcançado pelos alunos, problematizando e descobrindo novos significados. Este caminho se torna fascinante, quando todos fazem parte deste processo, numa parceria que não descaracteriza os papéis do professor e do aluno, mas os potencializa.

O professor neste processo é aquele que incentiva o aluno na busca do saber mais, na busca constante de novas descobertas. Ele, o professor, não se exime deste processo, visto que está presente, incentivando e questionando, inquirindo, para que aconteça um maior interesse pelo objeto de pesquisa.

A educação participativa faz com que ambos, aluno e professor sejam agentes de sua própria formação. Tal formação os projeta necessariamente para uma liberdade diante do mundo e das realidades que os cercam.

Ressalte-se que a educação bancária, por Freire denominada, é apresentada como instrumento de opressão, é sustentada por uma cúpula dos que sabem tudo e precisam simplesmente repetir para os que nada sabem, dando sustentação a suas próprias ideologias opressoras. (Freire, 1996) Tal concepção apresenta o aluno como aquele que recebe depósitos na mente, armazenando tudo aquilo que diz o professor.

O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito

do educador. Este depósito deverá estar sempre apto a se conforma com aquilo que é dito em sala de aula pelo professor. Educa-se para arquivar o que se deposita, como mero espectador, que em nada contribui neste processo, mas só recebe o conteúdo dito. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça que se coloca sempre na perspectiva do opressor idealizando neste o sentido de todo o processo de aprendizagem sem, no entanto, nada fazer, mas só recebendo.

O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo sendo o sujeito transformador de sua ação. A consciência bancária pensa que quanto mais se dar mais se sabe. Mas a experiência revela que com este mesmo sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulo para a criação. Enfatizando desta forma a consciência ingênua neste processo de mediocridade do aprender a partir de uma educação somente de passagem de conhecimentos sem nenhuma reflexão sobre o que se estuda.

Esse processo é visto pelo autor como alienação, não havendo criatividade alguma, imperando a cultura do silêncio, onde o aluno sujeito passivo não participa do processo educativo. A superação deste modelo, que coloca em contradição a figura do educador e do educando, vem colocar em destaque que ninguém educa ninguém, o processo educativo se dá na interação de uns com os outros, na troca das experiências do saber, sendo uns educados pelos outros.

Nesta dinâmica o ser humano se coloca como aquele que busca sempre conhecer mais, e este conhecimento se dá justamente neste movimento constante de aprendizagem em vista do mais e mais, não como mero espectador, mas como protagonista de sua própria formação.

O contexto histórico em que viveu Paulo Freire é justamente a inviabilização das iniciativas do desenvolvimento nacional, em especial o projeto de reforma universitária e o plano de alfabetização nacional, buscando a formulação de um novo ordenamento legal, tendo como referência a absorção do discurso economicista na educação, o que não mudou muito em nossos dias.

Os órgãos educacionais são concentrados na formulação da política educacional levando em conta desde as suas origens, uma escola que usa uma educação bancária, como também a racionalização do ensino. Freire afirma (2011, p. 61):

Enquanto a mudança implica, em si mesma, uma constante ruptura, ora lenta, ora brusca, da inércia, a estabilidade encarna a tendência desta pela cristalização da criação. Enquanto a estrutura social se renova através da mudança de suas formas, da mudança das suas instituições econômicas, políticas, sociais, culturais, a estabilidade representa a tendência à normalidade da estrutura.

A industrialização crescente e, sobretudo o desenvolvimento dos últimos tempos, vai exigindo uma formação educacional de base na educação fundamental, bem como treinamento, sendo este suficiente para o indivíduo ser introduzido na manipulação tecnicista e assim aumentar a produtividade. Há uma preocupação no que diz respeito à escolarização técnica que fortalece o intuito do governo na produção de uma mão de obra qualificada. Com isso fica claro uma educação a nível médio e mecanicista que visa ensinar o estrito necessário para o trabalho que se quer investir, gerando repetidores de uma mesma ação, gerando a não reflexão acerca do que se produz.

A dificuldade colocada está nas condições de realização da proposta de mudança, o que realmente se quer mudar, o pensamento da população, visando uma maior consciência dos seus direitos, ou simplesmente uma educação que o faz mero repetidor do apreendido na sua formação acadêmica. Afirma Freire (2011, p.37):

Com base no inacabamento, nasce o problema da esperança e da desesperança. Podemos fazer dele objeto da nossa reflexão. Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança. Uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação dos camponeses deverá procurar trabalho noutro lugar.

Diante do exposto, o educador deve ter esperança sempre de que o processo educativo se dará, não como objeto de um depositar saberes, mas como um processo esperançoso de descobertas constantes em vista de novos e novos saberes.

Sendo como questão fundamental no processo da educação libertadora a participação ativa de aluno e professor como implementadores na busca de novos saberes que visão libertar a pessoa das amarras de uma educação bancária.

Com isso, esse educador está no ambiente de trabalho não como espectador, mas como participante deste, é neste diálogo que se gera a cultura, sendo impossível uma qualificação para o trabalho sem haver exercício de cidadania, que se faz por meio do diálogo aberto e sincero, visando formar o ser humano na sua integralidade.

Desta forma a educação tecnicista que forma para um objetivo muito claro, coloca o homem diante de uma realidade que o escraviza, sendo fadado a fazer sempre a mesma coisa por toda a sua vida. No dizer de Freire (1996, p. 148):

Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro.

A pesquisa deverá estar ligada à vida cotidiana das pessoas na escola, esta busca pelo saber deverá se dar a partir da participação ativa e afetiva de todos que fazem parte do processo de aprendizagem, educando e educador. Neste sentido deverá se dar a educação técnica.

A escola, como lugar da reflexão e a busca dos porquês das coisas vai se tornando um mero sonho que na maioria das vezes cai no esquecimento, uma vez que, a necessidade e a luta pela sobrevivência se sobrepõem diante dos sonhos e a escola que já tem caráter educativo bancário vai sendo esquecida o que faz nascer uma grande fila de não alfabetizados a partir de uma educação de caráter libertador.

A inserção na vida da sociedade não se dá somente pela conquista de um emprego, mas a conquista de um lugar nesta sociedade, lugar este de ser pensante que faz a diferença, participa do processo do crescimento dela, com voz ativa e não como espectador ou sujeito passivo.

Ademais, uma das tarefas primordiais do educador é trabalhar com o educando de forma rigorosa, resgatando o saber cotidiano, mostrando que a sua experiência de vida deve ser levada em conta para que haja um verdadeiro aprendizado. Gerando assim no ato de curiosidade as respostas para a sua vida em vista de uma autonomia com relação às próprias decisões. Autonomia esta que se prolongará na vida cotidiana frente às exigências de cada passo dado na busca do mais, de novas descobertas.

A comunidade na qual a pessoa está inserida se apresenta desta forma como o lugar da libertação para a vida, mostrando que o valor está na pessoa humana e não no conteúdo apreendido, mostrando que o saber lógico está a serviço da pessoa e não o contrário. A consciência crítica aguçada a partir dos conhecimentos adquiridos na vida e no ambiente de estudo deve gerar no educando o sentir-se participante da sociedade em que vive. E participar da sociedade em que vive, quer dizer, ser protagonista da história, e não mero espectador, que no final das contas não contribui

de forma efetiva com o processo histórico no qual está inserido. Ao que Freire (1996, p. 154) declara que,

Seria impossível um saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.

Abrir-se ao mundo a partir da aprendizagem participativa cria na pessoa a necessidade da vida em sociedade, vida esta que leva o educando e educador a se portarem como artífices da vida social, isso implica na vivência ética como base do convívio social.

A educação, desta forma, é visualizada como a possibilidade única para uma mudança social, nos mais diversos campos, seja a política e própria vivência ética na vida cotidiana, nos grupos sociais.

Desse jeito a prática crítico-libertadora visa formar o homem para a vida de acordo com as suas potencialidades, seus sonhos, fazendo do processo educacional um trilhar nos caminhos da liberdade e da responsabilidade para consigo e para com a sociedade na qual está inserido.

Ademais, com esta atitude de participação ativa de todos em vista de uma sociedade mais equilibrada e ética, todos que se envolverem poderão fazer parte como construtores desse espaço de todos. A comunidade em que se faz parte se torna um lugar onde todos são atores da sua própria história.

2.3 UMA PEDAGOGIA DO LIVRE PENSAR NA ÓTICA FREIRIANA

Na sua obra, *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2011) explica sobre suas razões para analisar a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando, enfatiza a necessidade de respeitar o conhecimento que o aluno traz, sendo ele um sujeito social e histórico compreendendo que formar é muito mais do que treinar o educando no desempenho de suas tarefas, mas o incentivar a continuar o caminho em vista do saber.

Formar não no sentido de enquadramento em critérios já pré-estabelecidos, mas a partir de uma educação participativa onde todos são construtores do saber, como uma verdadeira roda vida em vista do saber que se refaz e se reinventa a cada

possibilidade da pesquisa.

Nesse sentido, Freire (2011) ressalta que essa postura deve ser ética, sendo este o papel do educador, a busca desta ética. Freire chama a isto de “ética universal do ser humano”, apresentando-se como essencial para o trabalho docente.

O processo de ensinar traz determinados aspectos que devem chamar a atenção tanto do educador como do educando, pois é um processo que exige o uso de método. Tal atitude deve vir acompanhada sempre de uma vontade de pesquisar, respeitando, sobretudo toda a base de vivências do educando, mas com uma criticidade aguçada. O educador neste diapasão é aquele que é chamado a ter uma vida ética onde há uma corporificação das palavras na vida, sendo um exemplo para os seus educandos. Ainda para Freire (2011, p.24):

Se de seu compromisso como homem, como já vimos, não pode fugir, fora deste compromisso verdadeiro como o mundo e com os homens, que é solidariedade com eles para a incessante procura da humanização, seu compromisso como profissional, além de tudo isso, é uma dívida que assumiu ao fazer-se profissional.

O profissional da educação é chamado a ter um compromisso ético, primeiro como pessoa, ser humano, depois como profissional da educação, educador, vendo esta como uma verdadeira vocação ao mais, junto com seus educandos fazendo deste processo um caminho por novas descobertas para melhorar a vida em sociedade, num compromisso ético.

Para que seja realmente parte deste processo, buscará sempre uma atitude de acolhimento sem nenhuma forma de discriminação, assumindo sempre a sua identidade cultural. O professor não é superior, melhor ou mais inteligente, porque domina conhecimentos que o educando ainda não domina, mas é, como o aluno, participante do mesmo processo da construção da aprendizagem. Segundo Freire e Shor (1986, p.89):

professor libertador usa uma abordagem diferente no que diz respeito à linguagem, ao ensino, à aprendizagem. Sabe muito bem que a linguagem é um problema ideológico. A linguagem tem a ver com as classes sociais, sendo que a identidade e o poder de cada classe se refletem na sua linguagem.

A educação libertadora implica uma inserção constante na vida social, na comunidade onde está inserida a escola. Participar da vida cotidiana da comunidade escolar é buscar compreender a situação de vida na qual o aluno está inserido. Daí participando deste meio social do educando, o educador adequará à linguagem a

realidade da comunidade onde a escola e alunos se encontram.

Ensinar não é o simples fato de transferir conhecimentos, mas pede sempre uma consciência do inacabado, respeitando assim a autonomia de cada educando, deixando-o fazer parte deste processo não como espectador, mas, participante ativo, construtor do processo em que está inserido.

A capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto pelo processo educativo constitui uma condição, sem a qual a prática educativa vai perdendo o sentido. É esta força misteriosa, chamada de vocação, chamado para o mais ou, para um caminho a ser trilhado, que explica compromisso com que a maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários, não apenas permanece, mas cumpre, na medida do possível o seu dever.

Com isso, o bom educador sendo o facilitador na busca do saber deve ser curioso e provocar curiosidade. A curiosidade deve ser democrática, deve estar sempre aberta ao novo, ao diálogo com o diferente. A educação deve também servir como lugar para transformações sociais, mas se deve ter consciência da sua indevida utilização como meio de reprodução de ideologias dominantes. Ao que afirma Freire (2020, p. 118):

Uma educação que possibilitasse ao homem a discursão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido a prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos.

O ser humano é um ser político e social, não se pode falar em sociedade sem o envolvimento das pessoas que dela participam. A política é um dos meios de fazer mudanças na sociedade e para que a sociedade seja satisfatória à vida de todas as pessoas, desta forma, a política como a arte de governar se coloca como aquele que viabiliza o diálogo entre os diferentes.

No pensamento de Paulo Freire, não é possível educar e ser completamente apolítico, dado que exporá suas opiniões e ensinando muitos conceitos baseados em sua visão de mundo, mas podem demonstrar que é possível mudar. Freire (1996) E isto reforça a importância de sua tarefa político-pedagógica. Uma pedagogia que está desligada da vida política e social das pessoas não dá para se entender, pois, a

política deverá ser vista como meio de transformação da sociedade, tendo no processo pedagógico uma educação que forme através da vida e para a vida.

Nesta busca de uma educação participativa que gera a curiosidade e a autonomia, fica claro que todos: professor e aluno, a partir de sua realidade, em meio à comunidade em que vivem, fazem do gesto de aprender uma busca constante de auto superação. E, essa consiste num processo de libertação a partir das novas descobertas por meio de uma tomada de consciência de que a partir do conhecimento se pode mudar a realidade em que se vive, fazendo da vida e da comunidade um lugar melhor e de direitos.

2.4 A ESCOLA COMO O LUGAR DA BUSCA PELA SABEDORIA

A história da filosofia começou, sob a forma de esforço de pensamento metódico, Reale (1990) explica que há dois mil e quinhentos anos, e sob a forma de pensamento mítico bem mais buscou explicar o sentido das coisas, o porquê dos fenômenos, neste sentido se recorria ao mito em vista de respostas plausíveis aos fenômenos naturais, bem como a comportamentos.

Com isso, é importante destacar que os elementos que originaram a filosofia no nascedouro são múltiplos, podendo-se afirmar que não somente existiu um nascedouro na busca pelo saber das coisas. Neste contexto, sempre se buscou o sentido das coisas, de onde vieram e para onde vão.

Tratando da filosofia o que se pode dizer é que a admiração traz consigo a interrogação, que vai respondendo o sentido das coisas, fomentando o conhecimento de formas variadas inspirando novas dúvida em relação ao que se acredita conhecer, que por sua vez traz consigo a clara certeza a cerca daquilo que se apreendeu a partir da observação interessada e curiosa.

O perturbador sentimento de perda, que ao longo da história da vida humana é uma constante, leva o ser humano a se perguntar sobre si próprio, o sentido da sua existência, sobre a morte, bem como até mesmo o porquê estamos neste mundo e qual o objetivo da nossa passagem por aqui. Neste sentido o ser humano se coloca sempre como um ser em constante curiosidade, buscando explicar a vida e seus mistérios.

Reale (1990) explica que, etimologicamente o termo filosofia vem do grego filos, que traduzido, traz a ideia de “amor”, e de Sofia, que significa “sabedoria”. A busca por saber sempre mais, busca responder as perguntas sobre a vida e os porquês da existência humana e todas as suas conjecturas. Desta feita, esse amor à sabedoria deveria se tornar em algo prático, se sei de alguma coisa preciso praticá-la ou não, tudo vai do valor que dou a este saber, se de um lado posso praticar para o bem, ou até mesmo deixar de praticar em vista de se evitar um mal. Como Platão dizia (EUTIDEMO, 288-290d *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 414):

De nada servia possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. Far-se-ia necessário, portanto, uma ciência que coincidissem fazer e saber utilizar o que é feito, e essa ciência é a Filosofia.

A filosofia é uma linguagem de amor à sabedoria, então, a filosofia nasceu da necessidade desse amor do ser humano pela compreensão do mundo, dos outros e de si mesmo. Esse sentimento de curiosidade gera um modo de pensar a vida a partir das suas próprias interrogações.

É um modo de pensar a vida, ter uma postura diante do mundo, questionando as coisas, criticando, e fazendo-nos entrever outro mundo e outro modo de compreender as coisas a partir sempre de uma verdadeira indagação pelo mais. No seu livro “Educação e mudança”, Freire afirma (2011, p.19):

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz um não transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência.

Para o autor em tela, o ser precisa estar em interação constante com o mundo que o cerca, este estar no mundo com atitude de curiosidade cria na pessoa uma autonomia que a faz pensar em si, no mundo que o cerca com desejo de sempre mais. Se percebe uma necessidade de atitude que o filósofo deve ter em relação ao conhecimento em vista sempre de uma nova descoberta.

A postura do filósofo é aquela de estar a caminho sempre buscando pelo mais, sem nunca deter a verdade. O filósofo não pode se ver como dono da verdade, uma vez que sempre haverá algo novo a descobrir, uma pergunta levará sempre a outra pergunta, não como algo sem sentido sem finalidade, mas como algo que engendra sempre novos saberes, que requer sempre novas descobertas.

Todo aquele que busca a verdade das coisas deve se lançar na sua constante busca, e para que isso aconteça precisa adotar atitudes que o conduza ao domínio do caminho de sempre, a novas descobertas, novas reflexões. Desta feita a atitude do filósofo deve ser sempre questionar, perguntar, investigar, buscar saber o que está atrás do sentido das coisas, e depois ampliar, tornar conhecimento, tanto no sentido de expandir, como no sentido de levar ao conhecimento de outras pessoas.

Percebe-se a importância que se dá à curiosidade, pois questionar é perguntar, ser curioso, perguntar a si mesmo e aos outros sobre tudo os que estão aí, não em vista de uma curiosidade sem sentido, mas na busca de responder as indagações que cerca aquele que pergunta.

Ao questionar sobre a realidade, interessar-se pelas coisas e pensar sobre elas, suspeitar do que é dito facilmente, das convenções, é atitude do filósofo estar, portanto deverá estar atento ao que se diz, não como alguém que se vigia, mas como aquele que reflete o que diz em vista de acrescentar sempre mais. Para que haja o exercício do filosofar se fazem necessárias as perguntas fundamentais: como, o que é? Como acontece? Por quê? Para que?

Neste exercício de curiosidade se dá novas descobertas e se abre sempre ao novo, às novas perspectivas. O novo que conduzirá ao ato de mais perguntas. O ato de investigar é momento da busca de respostas para as questões e os problemas que nos cercam examinando e comparar as respostas encontradas. Comparar as respostas encontradas em vista de mais perguntas. Pois, o ato de investigar é feito de caminho metódico, que tem começo, meio e fim. O ato de investigar exige uma atitude de estudo, uma atitude de investigação.

O ato de investigar se dá por um ato de curiosidade sem limite, pois quanto mais se descobre algo mais se pode lançar em vista de novos caminhos a serem trilhados, nesta busca insaciável pela percepção do intelecto, que se dirige ao objeto que se quer conhecer como um verdadeiro gesto de apropriação do ato de conhecimento.

Tendo como base as perguntas pelo sentido das coisas e da vida, quem investiga usa da curiosidade para com o dado investigado. No dizer de Freire (2020, p.55):

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em responde a ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo

desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age.

Neste caminho da investigação se dá a busca pelos saberes mais satisfatórios, mesmo nem sempre definitivas, pois se verifica que o filósofo está sempre a caminho. E esta busca nunca se esvazia em si mesma, mas o dimensiona sempre em busca de novas respostas.

Para tanto, precisa formular hipóteses, fazer comparações estabelecendo sempre critérios a fim de formular e desenvolver conceitos, analisar as bases dos conceitos e verificar se são sólidas na busca de princípios para explicar as coisas, o mundo que o cerca.

Como já foi colocado essas atitudes do questionar, investigar, levam ao terceiro momento, que é o ampliar. Através do ampliar se obtêm as mais diversas visões do assunto, de acordo com os direcionamentos que a nossa investigação nos indica.

Neste caso, é preciso levar em conta muita coisa do foi visto, tudo aquilo que, em meio aos direcionamentos, vão levando a novas descobertas, para se chegar ao máximo da abrangência do tema. Assim, obtendo um melhor resultado no processo da compreensão do tema, neste caminho identificando outros temas que tenham relação com o que está sendo questionado e investigado.

Para tanto, em vista de novas descobertas é mister considerar as mais variadas alternativas de ver as coisas e a realidade que a cerca, não se faz filosofia sem levar em consideração a realidade. Uma filosofia sem a realidade é uma história da filosofia e somente isso.

Nesta busca incessante pelo saber o filósofo, precisa buscar conhecer o que já foi elaborado a cerca daquele tema que se propôs estudar, desta forma, poderá a partir deste conhecimento, elaborar novas possibilidades, novas ideias na busca de resolver sempre os questionamentos, problema que o levou a tal pesquisa. A pesquisa não é algo que se dá do vazio do nada, mas é sempre um encontro de ideias.

Somente partindo das perguntas pelas coisas, pelos problemas que cercam o ser humano, chega-se ao conhecimento. Neste sentido, se pode perceber que o conhecimento filosófico não pode se dar a partir de algo pronto, ou mesmo de uma educação bancária, que deposita no aluno uma simples história da filosofia e seus importantes e famosos filósofos. No dizer de Freire, a educação bancária, gera meros repetidores do discurso escutado, para que haja um ensino da filosofia a educação

deverá ser participativa, uma busca pelos porquês das coisas. Com isso, declara Freire (1996, p.52):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Portanto, o conhecimento filosófico se dá a partir de uma busca pelo saber, tal possibilidade de conhecer acontece a partir de uma busca constante, partindo sempre de uma verdadeira atitude de curiosidade. Sem essa ação, o processo de aprendizagem se tornará uma verdadeira atitude de decorar o que o professor diz em sala de aula, este ato de decorar em vista de responder as questões da atividade ou da tão temida prova.

A escola é a responsável pela transmissão do saber objetivado, e é neste ambiente que a pessoa passa maior parte da sua vida. Neste sentido pode-se dizer que há uma influência no processo de socialização construído no contexto social em que se encontra, através dos mais diversos meios de contatos e da interdisciplinaridade que contribui para a formação do indivíduo que a frequenta. No dizer de Freire (2011, p. 35): “O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca. ”

Por conseguinte, na família acontece em primeiro plano este processo de socialização, que se dá durante toda a vida. No entanto, é justamente com a chegada do indivíduo ao ambiente escolar que se dá este conflito ambiental. Sendo a família o referencial primeiro e a escola este segundo ambiente onde há uma maior sociabilização, visto ser um ambiente eclético e diferente, a partir desta chegada se dá toda a ambiência de diferenças gerando os porquês, galgando desta forma o caminho dos saberes.

O espaço escolar é transformado neste lugar de trocas de saberes, a partir de uma educação participativa e libertadora. Neste caso o aluno levará consigo todo saber adquirido durante o seu tempo de vida, gerando com este um novo aprendizado, as decisões que se dará a partir das aptidões e bagagem adquirida num envolvimento com a comunidade escolar que participa, a escola e família, sem falar na vivência da experiência de fé passada pela própria família, os valores morais, de respeito pelos mais idosos e o cuidado com o outro e natureza. Afirma Freire (2011, p. 83):

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaço-temporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “situado e temporalizado”.

A educação se dá no tempo da história, a partir de uma cultura e da história individual de cada ator desta história de todos e todas. Não havendo uma educação fora das condições culturais e a partir do lugar de cada um, educador e educandos.

2.5 A ESCOLA COMO O LUGAR QUE PREPARA PARA A VIDA COMO UM TODO, DENTRO DE UM PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

É bem verdade que a nossa dinâmica educacional se dá não só dentro do espaço escolar, mas é muito mais que o simples fato de frequentar a escola, se estendendo à família e ao meio social em que vivemos. As informações adquiridas acontecem desde cedo, sendo justamente o meio em que se vive que a define, e neste ínterim todo o espaço natural e até as experiências naturais formam o arcabouço sócio cultural da criança que será encaminhada à vida escolar.

A vida envolvida dos seus mais diversificados aspectos vem corroborar que na escola somos chamados a trabalhar interagindo a formação científica escolar e o que já vive no dia a dia. Desta forma o aprendizado não acontece só no espaço da escola, Alice (2014, p.63) ressalta que:

O sujeito, como vimos, é constituído a partir das relações sociais que estabelece com o meio humano e sociocultural. Sua constituição perpassa a dialética entre o intrapsicológico e o Inter psicológico, e os processos estudados nessa perspectiva teórica emergem sempre no social e posteriormente tornam-se interno.

Ao que se vê, a educação aparece como uma aprendizagem no sentido de interação de informações, e neste processo se dá a possibilidade de passar a um grau superior de compreensão. A filosofia em sua busca epistemológica, expressa um novo olhar na aprendizagem, fazendo com que o educando desenvolva o poder de questionar, onde este questionamento permitirá para o mesmo uma nova concepção, tanto no ato de refletir quanto nas tomadas das decisões para sua vida.

É justamente através desta maturação natural que o aprendizado é solidificado, no processo de superação e entendimento, ao passo que vai se propondo o novo, é na dinâmica da busca pelas respostas dos porquês que se dar o verdadeiro

aprendizado. É preciso estar atento a um desejo de abrir-se a novos horizontes, levando sempre em conta o processo cultural.

É neste contexto que se dá a socialização da educação, no que diz respeito não só à troca de experiências, mas na ajuda e contribuição que esta dá a própria sociedade que a gera e espera das mesmas novas descobertas para lançar o ser humano neste processo de alcançar maior espaço social, cidadania. Neste sentido, confirma Freire (2011, p. 25):

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com os olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva.

Sendo assim, ensino e aprendizagem não podem ser concebidos separadamente, visto que, fazem parte de um mesmo processo de construção. A ação da didática é justamente calcada no esforço que possibilita a articulação dessas informações já existentes e os avanços de superação a serem dados.

O trabalho do educador, seu relacionamento com os alunos se dá pela relação que ele tem com a sociedade e a cultura, não devendo a preocupação estar focada somente no conhecimento através do aprendizado de informações, no processo de construção da cidadania do aluno, tendo em vista uma educação que possibilita um olhar próprio e não influenciado pelos outros.

Assim, deverá haver uma interação estabelecida, sobretudo no que diz respeito à seleção de conteúdo, organização e sistematização didática para facilitar o aprendizado do aluno e a exposição onde o educador demonstrará seus conteúdos, visando uma maior interação.

O ensino da filosofia ofertará aos educandos o direito ao questionar, fazendo com que os mesmos desenvolvam um senso crítico em seu processo de liberdade. O professor é justamente aquele que a partir de uma reflexão crítica da realidade leva o aluno a tomar uma posição em vista da liberdade de pensar, em vista sempre do direito de todos. Freire (1996, p. 152) conclui que:

[...] como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança como que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei.

No dizer do autor em tela, o professor está cercado da certeza de que está sempre aberto a novos aprendizados, a possibilidade de aprender sempre mais o coloca na condição de alguém sempre aberto ao saber. Isso não exclui a consciência de que sabe alguma coisa sobre aquilo que passa para os seus alunos, no entanto esta consciência está sempre aberta a novas possibilidades de aprendizado.

Vale lembrar que, Paulo Freire se colocam sempre na perspectiva de novas descobertas, o que acontece através do aprendizado na vida diária, sendo preciso simplesmente um esforço para se colocar para fora o saber.

Os estudos acadêmicos devem sempre levar em conta esta noção do aprender com a vida num esforço diário em busca do crescimento pessoal e da comunidade em que vive. O saber é visto por Paulo Freire, como instrumento de libertação da pessoa e daqueles que vivem ao seu redor, a comunidade.

Freire criticando a ideia de que ensinar seria a transmissão de saber, dizia que o professor é aquele que deve facilitar ou possibilitar a produção de conhecimentos sem, no entanto, prescindir da sua autoridade. Na sala de aula os dois lados, educador e educando devem através de uma relação democrática e afetiva garantir a possibilidade de expressão das partes sempre livre e a partir do meio em que se vive. Nos afirma Freire (1997, p. 103):

A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce das relações, justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

O educador se baseia na ideia de que tudo está em constante transformação e interação, desta forma não se pode falar de um futuro sem preparar este para que aconteça de forma eficaz e na história.

O educador deve apresentar-se como aquele que contribui na educação do outro, a sua função não é de superioridade, mas de humildade frente a este novo mundo que lhe é apresentado. Daí a importância de conhecer o meio em que se trabalha tal perspectiva.

Tal humildade não colocar o educador na posição de inferior, nem tão pouco de superior, mas este deve reconhecer o seu lugar neste processo, como facilitador no processo das novas descobertas.

Comentando afirma Beisiegel (2010, p. 34):

Por isso mesmo, não era o caso de esperar que a emergência da consciência crítica decorresse direta e mecanicamente da transformação econômica e social. Na atmosfera autoritária e à negação ao diálogo a incipiente emersão das massas populares com maior probabilidade produziria a massificação, até mesmo a fanatismo das consciências.

Como se apresenta o processo de educação, depende necessariamente de humanização do ambiente, bem como que este seja democrático, que possibilite aos agentes interagirem na condição de aprendizes, não gerando uma educação massificadora em que todos são educados de modo uniformizados, mas uma educação onde cada pessoa é escutada, sendo agente da sua própria educação.

Para tanto, o processo deve dar oportunidade a uma população que ficou as margens do desenvolvimento socioeconômico, gerando assim um distanciamento entre aqueles que se dizem portadores do saber e aqueles que não conseguem aprender o ditado por um mundo que muitas vezes não procura falar a sua linguagem. No entanto, se ver claramente uma educação marcada pela discrepância entre o educador e o educando.

Visando essa educação participativa, se faz necessário uma inserção na vida da comunidade que se visa alfabetizar. Freire (1990) acredita no potencial humano de auto superação. É preciso de alguém que o motive, que mostre que é possível fazer esta passagem de um mundo totalmente alheio à realidade opressora.

Visando tal libertação fala da pedagogia do oprimido, que é justamente a possibilidade de devolver a este ser cidadão a sua liberdade de lutar por seus direitos, partindo de uma tomada de consciência que acontece não de fora para dentro, mas de dentro para fora.

Para essa tomada de consciência no processo de educação, se pode chamar de libertação, pois uma vez alfabetizados numa perspectiva libertadora, passarão a ter uma nova compreensão do mundo, das coisas que os cercam. Por isso que se fala de uma educação que gera a libertação das estruturas opressoras, inclusive no campo político social, visto que visa uma reviravolta socioeconômica.

Só há uma educação comprometida com a ética e com os valores humanos quando esta se propõe a libertar o homem de tudo aquilo que o oprime, é desta educação que se fala ao tratar de uma educação libertadora. Libertadora no sentido amplo da palavra, ou seja, sócio, político e econômico, visto que o homem é um ser integral.

2.6 A FILOSOFIA COMO CAMINHO PARA NOVAS DESCOBERTAS

Após uma caminhada na escola, bem como diante de uma pedagogia libertadora, usando uma metodologia diferenciada de acordo com o estado em que se encontra o jovem, este entra numa nova perspectiva de educação. Um momento novo, a partir da sua decisão em vista de um futuro, tempos melhores.

Neste contexto, um novo momento se reveste de novas metodologias que levarão em conta a pesquisa e o aprofundamento de acordo com o seu interesse. A decisão da pesquisa e o caminho a ser trilhado é uma construção coletiva e com a participação efetiva de todos, nestes processos todos tem voz e vez. Sendo assim, quanto ao processo educativo, Freire (1996, p. 28), afirma que:

[...] uma das suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada haver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que o aprender criticamente é possível.

O ensino da filosofia como caminho para refletir a vida, é um espaço propício para a aprendizagem diferenciada, onde o aluno se torna protagonista deste aprendizado. Desta forma, aprender depende do educando, como sujeito desse processo, cabendo ao professor proporcionar meios para que a aprendizagem aconteça, levando o educando a desenvolver sua conscientização e seu papel na sua aprendizagem. Faz-se necessário que o educando esteja preparado para se apossar de tal informação, tanto no que diz respeito à dimensão intelectual como emocional.

Tal importância se dá no âmbito de uma educação participativa, que acontece de forma dialogada, onde a busca do conhecimento está cercada de novas descobertas no mundo da ciência como tal, bem como na própria vivência do dia a dia. Isso trará ao educando e ao próprio educador uma interação na vida a partir do apreendido, que o fará tomar as decisões necessárias na vida em sociedade e pessoal.

Dessa maneira tanto o ensino da Filosofia quanto a teoria de Paulo Freire, ou seja, a educação libertadora busca fazer com que o educando compreenda o privilégio de pôr o seu aprendizado em prática ao longo da vida.

2.7 DO ENSINO DE FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA TRADICIONAL PARA UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA PARTICIPATIVA

A história da educação está marcada por uma cultura arcaica que centraliza toda a atividade educativa na pessoa do professor, que se destaca como aquele portador do conhecimento, enquanto o aluno tinha apenas a função de receber todo o conteúdo ensinado. A filosofia ensinada a partir de manuais que se torna, mais um ensino de história da filosofia e dos filósofos do que um lugar privilegiado para refletir as questões da vida a partir do arcabouço cultural da filosofia.

Verdadeiramente há uma dificuldade grandiosa no que diz respeito à passagem de um ensino tradicional de filosofia a uma filosofia ensinada de forma participativa, visto que, para se abordar a filosofia de forma libertadora, se faz necessário, uma preparação por parte do educador, bem como do próprio educando. Freire (1996, p. 25) afirma: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A filosofia ensinada de forma participativa tem o papel privilegiado ao ofertar tanto para o educador quanto para o educando a busca constante do saber, ao ponto de tornarem-se parceiros nesta tarefa de novas descobertas, gerando no educando uma verdadeira autonomia. Contudo, a grande questão está presente na maneira de dinamizar esta didática participativa, uma vez que faz de educador e educando protagonistas do processo como um todo.

Com isso, o ensino da filosofia é um lugar privilegiado da busca desse saber, onde todos devem através da pesquisa, ampliar o universo alcançado pelos educandos, problematizando e descobrindo novos significados. Este caminho se torna fascinante a cada pergunta feita, a cada questionamento feito, ocorre o desenvolvimento da autonomia no pensar e no agir.

O educador neste processo é aquele que incentiva o educando na busca do saber mais, neste processo de curiosidade, na busca constante de novas descobertas. O educador não se exime deste processo, visto que está presente, incentivando e questionando para que aconteça um maior interesse pelo objeto de pesquisa. No dizer de Freire (1996, p.97):

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se rigorosa, tanto mais epistemológica ela vai se tornando.

O ensino da filosofia de forma participativa faz com que ambos, educando e educador sejam agentes de sua própria formação. Tal formação os projeta necessariamente para uma liberdade diante do mundo e da realidade que os cercam. A capacidade gerada pela reflexão filosófica acerca das perguntas pela a vida e seu sentido, gera na pessoa uma autonomia que o capacita para dar passos em vista das decisões que precisam ser tomadas na vida e suas realizações.

Neste sentido, não se pode mais pensar num ensino da filosofia somente na perspectiva histórica, mas uma filosofia que reflita a vida e toda a problemática que a cerca.

Portanto, a partir do que se apresentou, vamos enveredar no embasamento teórico sobre as categorias freirianas da curiosidade e da autonomia visualizando estas como pressupostos metodológicos para um ensino da filosofia a partir das categorias apresentadas.

3 AUTONOMIA E CURIOSIDADE COMO PRINCÍPIOS FUNDANTES DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Trataremos neste capítulo de dois princípios que consideramos fundantes para uma educação libertadora a partir das categorias da autonomia e da curiosidade, nos pautando em definições das categorias apresentadas, bem como no entendimento do grande educador Paulo Freire acerca das categorias citadas. A partir desta reflexão se tratará da escola como este lugar privilegiado do desenvolvimento das habilidades apresentadas. Vendo nas categorias em tela a possibilidade de uma aplicabilidade do método do grande educador em discussão, como possibilidade ao ensino da filosofia nos últimos anos do ensino fundamental. Tais categorias como habilidades usadas pelos educadores como possibilidade de uma educação libertadora. Habilidades estas que devem norteia todo o processo do ensino que visa uma libertação em vista de um estudo sistemático que leve em conta as realidades da vida do educando e do educador.

3.1 CURIOSIDADE

Dentro da concepção ao se tratar da qualidade inerente ao ser humano, a mesma torna-se a formadora do caráter daquele que se colocou neste mundo como o amante do saber, pois não se cansa de indagar, de perguntar sobre o porquê das coisas que estão no mundo, em vista de se informar das coisas que o cerca buscando desvendar novos caminhos, trilhar novas descobertas, na sede de novos saberes. O ato da curiosidade gera pessoa o desejo angustiante pelo saber das coisas reveladas e das que viram após as descobertas do encoberto. Segundo Alice Beatriz (2014, p.40) no seu livro psicologia e educação:

A busca da independência evidencia-se a cada ação, a cada pergunta ou a cada não proferido insistentemente como uma forma de conquistar a emergência de um eu ainda frágil e sem contornos definidos. Aquela que se nomeava na terceira pessoa do singular passa a referir-se sistematicamente na primeira pessoa, utilizando-se dos pronomes “eu” e “mim” de forma intensa e constante. Esse movimento é muito significativo e foi denominado personalismo por Wallon.

Esta fase das perguntas está ligada como afirma autor citado como o momento também da definição do seu eu como pessoa no mundo.

Assim, quem pergunta pelas as coisas e seu sentido trabalha sempre na esperança de que as novas descobertas o levarão sempre ao mais. Este mais que além de esta em nós como possibilidade de novas descobertas, é inerente a pessoa ao ser humano racional.

A curiosidade está marcada pelo desejo do aprender, do conhecimento através da indagação que investigando se chega ao conhecimento de novas coisas novas descobertas, visando vislumbrar novas descobertas em vista de novos saberes sem, no entanto, esvaziar o objeto de conhecimento, estando este sempre para mais não esvaziando a possibilidade de um novo caminho. Para Paulo Freire (1996, p. 35):

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída.

Desde a mais tenra idade somos cercados por um horizonte de perguntas, até porque estamos conhecendo o mundo e tudo que nele existe. A nossa infância é marcada está marcada pela idade das perguntas, onde a criança em vista da aprendizagem das coisas que cerca, além de usar todos os sentidos se acerca de muitas perguntas aos seus pais em vista do conhecimento. Esta curiosidade permeia todos os cinco sentidos em vista de uma maior adequação do ser perguntante da pergunta e do objeto a que se dirige o sentido dos seus porquês.

Fica claro a relevância da curiosidade para a construção do conhecimento, como Freire cita anteriormente, é ela que gera a reconstrução no processo da aprendizagem. No processo de aprendizagem a curiosidade se torna algo imprescindível na busca do conhecimento, sem, no entanto, esvaziar este que cada vez se lança para mais. Nisto deverá consistir a educação e sobre tudo a educação em vista de um ensino da filosofia.

Portanto, a partir do momento em que o educando desenvolve o ato de indagar, o mesmo enfrentará cada questão levantada, que cria na pessoa a busca pelo querer mais e cada desafio enfrentado ganhará forças para novas descobertas novos caminhos que se fará necessário nesta busca por desvelar novos saberes. Segundo Freire (2020, p.25):

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isso sabem que sabem algo podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar em nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Diante do exposto, redescobrir ou descobrir novas formas de saberes e ir em frente por mais, faz nascer no educando e no educador a alegria de se sentir protagonista de cada nova descoberta, pois só há uma verdadeira educação quando se dar em forma da transformação da pessoa e do lugar onde ela se encontra. Este processo se dá neste caminho por novas descobertas pautada no fazer acontecer da vida tanto em vista da pesquisa tanto no uso desta e função da própria sociedade.

Neste sentido, a transformação se dá quando na descoberta por novos sentidos cria a vontade de mudar espaços, situações sociais na busca de novas estruturas, que não devem parar na mudança, mas novos desafios e perguntas por melhoramentos estão por vir. Perguntas ensejam novos questionamentos, que criam novos espaços para novos conhecimentos. Sendo que o melhor dia para aprender é sempre o dia em nos desafiamos em busca de novos saberes e esta busca implica na coragem de perguntar sempre mais. Tais perguntas devem permeia o sentido e o porquê das coisas e da sua serventia tanto em sentido imediato como para a vida como um todo.

Este desejo pelo saber que nunca deverá ser reprimido, mas sempre ofertado pelo educando bem como pelo educador, que devem na busca do saber nunca se cansar de perguntar, em uma verdadeira atitude de investigação constante, de curiosidade a partir do que se deseja descobrir. E neste caminho se faz necessário ter abertura para os percalços encontrados no caminho bem como para as novas vias que se abrem de acordo com o aprofundamento. Para Freire e Faundez (2017, p. 74):

Volto a insistir na necessidade de estimular permanentemente a curiosidade, o ato de perguntar, em lugar de reprimi-lo. As escolas ora recusam as perguntas, ora burocratizam o ato de perguntar. A questão não está simplesmente em introduzir no currículo no momento das perguntas, de nove às dez por exemplo. Não é isto! A questão nossa não é a burocratização das perguntas, mas reconhecer a existência como ato de perguntar.

Sem esta atitude de curiosidade por saber mais e mais não há a transformação das estruturas que se perpetuam na história sem dar margem nem lugar a novos caminhos a serem trilhados. A história se tornaria estática parada, tornando suas estruturas sociais paradas no tempo da sua criação sem levar em conta as mudanças

sociais e culturais. Para Freire (1996), ao tratar disto quando fala da educação bancária, visto que este método educativo tolhe o educando na sua atitude natural de curiosidade. Neste sentido faz lembrar que o educador bancário leva o educando para um caminho já determinador, uma vez que o mesmo já está determinador a cominho que o mesmo acredita ser o limiar do assunto tratado. Tal educação não poderá gerar autonomia uma vez que está amarrada num processo sem perspectiva de curiosidade nem de abertura a novos questionamentos.

Na idade das séries iniciais e em todas as idades de aprendizagem, o educador bancário traz tudo pronto, não se importando com os porquês gerados no caminho de aprendizagem do educando. Assim, os alunos cheios de perguntas são obrigados a abandonarem a atitude da curiosidade dando espaço a uma educação baseada na apresentação de teses estabelecidas, quase que de forma dogmática, não deixando espaço para possíveis indagações e refutações.

Na verdade, na educação bancária não há que se falar em refutação, nem tão pouco em questionamentos, essa atitude é proibida desde sempre, pois gera uma certa insegurança no educador bem como no assunto a ser tratado, visto se tratar de uma discursão que colocaria em questão a sabedoria do educador que se pauta por este método.

Essa forma de educação faz com que o aluno se torne um mero copista do que se apresenta como algo pronto, sem abertura para o diálogo e mesmo sem a possibilidade de firmar o aprendizado a partir de um entendimento, mas do mero decorar, sem reflexão e sem inclusão na vida diária. Freire (2011, p. 36) aponta que:

Não há educação sem amor. O amor implica na luta contra egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

Neste sentido, para o autor em tela a educação deve ser sempre um lançar-se ao mais, e isto provoca a atitude do amor, de doação. A curiosidade traz essa dinâmica do amor pelo saber sempre mais em vista de novas descobertas. Sem esta ligação afetiva com o objeto de estudo o educando não terá entusiasmo pelo objeto de pesquisa, mas com este amor pelo saber mais a pesquisa se tornará sempre um desafio a ser trilhado pelo educando.

Sem esta atitude de indagação sobre o que se diz em sala de aula, a educação se torna um ato formal sem se abrir a uma evolução mais somente vislumbrando o

dito sem gerar reflexão que seria a evolução do conteúdo apreendido. E neste contexto a formalização da aprendizagem sem o ato da curiosidade a educação se torna enfadonha e sem criatividade.

Segundo Freire (1996, p. 154), o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inclusão em permanente movimento na história. Ou seja, uma educação que não visa essa abertura em vista de desvendar novas descobertas acaba sendo um lugar de repressão dos instintos mais inerentes ao ser humano, a vontade do conhecer sempre mais. Assim perguntar como diz o dito popular não faz mal, mas gera no ser pensante a vontade do saber mais e mais a respeito de algo.

3.2 AUTONOMIA

A autonomia se configura como a competência para dirigir a sua própria vida nas suas tomadas de decisões usando dos seus próprios meios, levando em conta sua vontade e princípios, de auto gerir, em função da sua própria consciência a partir daquilo que aprendeu e das suas próprias vontades. Quando o ser humano se auto-governa ele está exercendo a sua autonomia que estão de acordo com as suas crenças e influências de aspectos exteriores dentro das condutas morais, estas apreendidas na vida de sua casa, na escola e na sociedade. Para Paulo Freire (1996, p. 66):

O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão.

O educador deverá ter esse respeito ético pela desenvoltura do educando em desenvolver as suas habilidades se tornado cada vez mais autônomo. A hora da escolha está ligada a este aspecto decisório em vistas das tomadas de decisões na vida diária. Uma vez que na vida cotidiana somos limitados em algumas decisões e escolhas que gostaríamos de realizar.

A autonomia vem do arcabouço moral dos costumes e do aprendizado diário seja na vida cotidiana seja na vida escolar. A escola deve ser este lugar que, através da educação participativa por meio das descobertas diárias vai gerando no educando a vontade do mais, no entanto, entregando a este o poder de decidir os passos que

deverá dar tendo em vista os caminhos a serem trilhados em busca do saber. Este caminho que se fará na vida do agora, na escola, mas também na vida futura. Ao que afirma Freire (2020, p.127):

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque, recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado da busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.

Somente uma educação comprometida com a busca do saber a partir de uma educação participativa poderá motivar nos alunos a capacidade de fazer a diferença partindo de uma educação libertadora e emancipadora. Esta educação emancipadora se refere a educação que proporciona ao educando o entendimento de que o educador confia no seu desempenho em busca das novas descobertas, mas para isso, se faz necessário respeitar todo um processo que deverá ser marcado por uma organização visando novas decisões a serem tomadas. Tais decisões que serão tomadas na vida diz respeito ao ato de decidir e este se faz necessário através da pessoa e seu poder de decisão, esta se formata por uma série de decisões que serão tomadas na vida e que vai habilitando o indivíduo a tomar certas decisões na sua história. Estas serão formadas através do arcabouço educativo e cultural ao longo de uma educação participativa libertadora.

Por conseguinte, empoderar o aluno no sentido da tomada de decisões a escola o orientará para as decisões na vida diária. Somente uma educação aberta e transparente que dá espaço a indagações e participações fará com que o educando se torne protagonistas das suas próprias decisões.

Esta educação deve visar uma participação direta e continuada do educador e educando, será sempre em função do crescimento de ambos, sempre pautado no em uma afeição pelo objeto do saber e na relação educador e educandos formando uma grande roda viva em busca dos novos saberes gestando autonomia na vida cotidiana. Freire, (2020, p. 27):

O fundamental, porém, é que esta reflexão, de caráter teórico, não se degenere nos verbalismos vazios nem, por outro lado, na mera explicação da realidade que devesse permanecer intocada. Em outras palavras, reflexão cuja explicação do mundo devesse significar a sua aceitação, transformando, dessa forma, o conhecimento do mundo em instrumento para adaptação do homem a ele.

Partido das experiências feitas na vida e em sala de aula o educando, vai aos poucos se tornando autônomo, agente das suas próprias decisões, levando em conta toda a vida de aprendizado. Tal autonomia não significa que a pessoa está pronta para a vida e ponto final. Não, ao contrário, cada vez mais a pessoa, frente às decisões que tem que tomar na vida diária vai se tornando um aprendiz de tudo que o cerca, sem, no entanto, perder essa dinâmica salutar do perguntar, da curiosidade, que gera novas problemas para que aquele que agora se torna agente de sua própria formação em meio a vida comunitária tomará sempre novas decisões ao longo da sua vida.

Não há autonomia sem a disposição necessária a novos aprendizados, uma educação cercada de cuidados com a forma pedagógica da aprendizagem participativa, gera no educando e professor um verdadeiro lugar propício para tornarem cada vez unidos no ato de pesquisar e ao mesmo tempo autônomos, tendo em vista uma educação que ultrapassa as portas da escola para a vida cotidiana. Se tratando do processo alfabetização afirma Freire, (2019, p. 166):

Nesta, o aprendizado da leitura e da escrita, associada ao necessário desenvolvimento da expressividade, se faz com o exército de um método dinâmico, com o qual educandos e educadores buscam compreender, termos críticos, a prática social. O aprendizado da leitura e da escrita envolve o aprendizado da “leitura” da realidade através da análise correta da prática social. Nesta fase, contudo, ao se discutir aspecto daquela prática, os da produção, por exemplo, já é possível tocar em pontos de caráter técnico enquanto ao seu como.

Com isso, livrar-se do modelo burocrático do ensino das fileiras das salas de aula, para um lugar mais acolhedor onde todos se sintam protagonistas do aprender, na possibilidade de fazer com que o educando se sinta responsável pelo processo educativo. Desta feita, o aluno não se sente um simples espectador, mas como parte do processo educativo, como ator das suas próprias descobertas.

Esta disposição em enfrentar o caminho em vista do saber se dá a partir da abertura tanto do professor como do aluno, pois no caminho educativo sem esta parceria aluno professor e colegas de sala de aula, a educação se torna vazia e bancária.

Uma união que visa a aprendizagem, ao permitir que o educador e educandos dispostos a partilhar saberes, uma vez que não são tábulas rasas, mas cada um traz para a escola, história de vida, afetividades e claro, seus problemas, que também a partir deste processo educativo libertador, faz com que a escola se torne este lugar familiar na busca de uma educação libertadora tanto das amarras existenciais como

sociais. Uma escola que transforma a vida das pessoas e da comunidade em que vive.

A autonomia conquistada a partir de uma educação libertadora constrói dentro da comunidade uma verdadeira mudança social, levando em conta que o educando tem uma formação para a vida e não somente uma educação bancária do decorar para responder a provas e tão somente. Nos diz Freire (2020, p.122):

De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A de intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do “eu me maravilho” e não apenas do eu fabrico.

A conexão em sala de aula do educador e do educando, apresenta uma conexão que faz superar os desafios criando novas maneiras de transformar a educação num processo libertador e emancipatório. Esta conexão vem enfrentando desafios em meios as dificuldades redescobrimdo novos caminhos e renovando as forças na busca da superação constante de cada obstáculo a ser superado. Sem a educação não há evolução no meio em que se vive.

A partir do que se apresentou vamos enveredar no embasamento teórico sobre a pedagogia freiriana e a sua ligação com a filosofia desenvolvendo as categorias freiriana da curiosidade e da autonomia visualizando estas como pressupostos metodológicos para um ensino da filosofia a partir das categorias apresentadas.

Contudo, Freire (2020), ressalta que visando sempre um aprendizado para a vida, a curiosidade constitui pressuposto importantíssimo para uma aprendizagem que gera uma busca constante pelo saber. Este saber se dá na vida a partir da autonomia construída ao longo da vida, a partir das descobertas tanto na escola, quanto na sociedade. Freire afirma (1996, p. 25):

As considerações ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramentos de um primeiro saber inicialmente apontando como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista. Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Com isso, só haverá uma mudança no ensino da filosofia quando os nossos educadores, partindo de uma educação participativa, buscarem um amadurecimento tanto no campo intelectual, quanto no campo emocional, visando sempre a curiosidade e o entusiasmo, estando sempre aberto ao diálogo, fazendo com que o aluno se torne entusiasta daquilo que estuda, gerando autonomia.

Este novo olhar do filósofo deverá ser daquele que incentiva outros a entrarem neste caminho por novos saberes, deve ser uma busca incessante por atualizar os conceitos de política, ética, sociedade para os tempos atuais, fazendo de si mesmo e do aluno um ser capaz de construir o conhecimento e autonomia.

O problema é que além de não querer desenvolver um ensino da filosofia a partir de uma educação libertadora, a falta de uma preparação não se dá somente por falta de interesse da parte dos educadores, mas o grande problema é fruto do sistema educacional que se arrasta há muito tempo e no fim das contas, reproduz nos seus alunos aquilo que aconteceu com eles, estudaram desta forma e reproduzem o que aprenderam na sala de aula.

Outro fato que faz com que a educação no Brasil seja sempre um entrave é a questão política, e a mudança de objetivos, e no processo político eleitoral muitas vezes este plano é mudado sem mesmo ter passado por uma séria avaliação, que resultaria em um aperfeiçoamento ou mesmo a sua extinção.

A educação deve ser sempre essa busca em vista da autonomia, de modo a permitir que cada um se encontre no seu ritmo próprio de aprendizagem, ao mesmo tempo em que o processo deve se dar na cooperação com o outro, pois só desta forma não se fecha num mundo isolado, mas a partir desta abertura para o outro, gera um intercâmbio de saber. Freire afirma (1996, p. 96):

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

Essa declaração se coaduna com a busca filosófica pelo sentido das coisas, chamada na filosofia de busca epistemológica. Sem esta busca não há de fato uma pesquisa que visa a aprendizagem que gera a autonomia, mas uma verdadeira educação bancária que se encarrega de passar conteúdos gerando no aluno uma verdadeira demência no exercício do pensar. Esta demência que se dará em toda a sua vida, pois, ao longo do seu processo de aprendizagem o mesmo se tornou um mero decorador da história da filosofia e dos seus filósofos sem, no entanto, fazer este caminho ao mais da reflexão que gera autonomia.

O ensino da filosofia a partir da participação de todos, através da curiosidade deve acontecer na descentralização da busca por novas descobertas, colocando sempre em estreita ligação, a teoria e a prática, que se torna uma verdadeira

harmonia, que beneficia o aluno, o professor e a própria comunidade, pois o mesmo está inserido em uma realidade histórica e dinâmica. E neste interim o aluno se torna autônomo, construindo o seu próprio saber a partir dos saberes compartilhados.

Para que esse processo se torne realidade se faz necessário todo um planejamento em vista do dele, de forma consciente e compartilhada por todos, com início meio e fim. Lembrando sempre a figura do professor como o portador do conhecimento atuando no processo da aprendizagem de forma dinâmica e respeitosa com a história particular de cada aluno, pois professor e aluno estão buscando sempre através desta curiosidade incessante, mergulhar cada vez mais neste universo do saber. Para Freire (2020, p. 78):

O homem não é apenas o que é, mas também o que foi, daí que esteja sendo, o que é próprio da existência humana. Daí que seja este um processo que se dá no tempo mesmo nos homens enquanto vida animal e do vegetal se dá num tempo que não lhe pertence, desde que lhes falta a consciência reflexiva do, seu está no mundo. Por isso, só podemos falar de consciência histórica se nos referimos aos homens.

A escola passa a ser vista como um ambiente onde é transmitida várias informações sobre a dinâmica do ensinar e aprender, a partir da busca epistemológica. Contudo, é importante ressaltar que a mesma dentro desse contexto na “dinâmica educacional” se dá não só dentro do espaço escolar, mas muito mais que o simples fato de frequentar a escola, se estendendo à família e ao meio social em que vivemos.

Para Freire (2020), o processo escolar de busca por novos saberes vai dando uma nova roupagem a este processo educacional, motiva a uma dinâmica tendo em vista um ensino que leva à autonomia do aluno frente ao objeto que se busca aprender.

O ensino e a aprendizagem não podem ser concebidos separadamente, visto que fazem parte de um mesmo processo de construção. A ação didática é justamente calcada no esforço que possibilita a articulação dessas informações já existentes e os avanços de superação que vão desabrochando de acordo com o processo de aprendizagem de cada um e de todos.

Sendo assim, Freire (1996) se coloca sempre na perspectiva de novas descobertas, que acontece através do aprendizado na vida diária, a caminho do que se faz na vida e leva o educando e educador a fazer uma experiência magnânima em vista de uma educação pautada na vida que gera atitudes de mudanças de mim mesmo, do outro e do ambiente em que se vive.

Os estudos epistemológicos devem sempre levar em conta esta noção do aprender com a vida num esforço diário em busca do crescimento pessoal e da comunidade em que vive. O saber é visto como instrumento de libertação da pessoa e daqueles que vivem ao seu redor, a comunidade.

3.3 A ESCOLA COMO O CAMINHO DO SABER EM VISTA DA CURIOSIDADE E AUTONOMIA

A escola é a responsável pela transmissão do saber objetivado, porém é neste ambiente que a criança passa maior parte da sua vida. Pode-se dizer que há uma influência no processo de socialização construído no contexto social em que se encontra, através dos mais diversos meios de contatos e da interdisciplinaridade, que contribui para a formação do indivíduo que a frequenta.

Na escola deve se dar a busca pelo conhecimento desde o seu primeiro momento. Desde os primeiros passos à escola é este ambiente propício a socialização. Para Freire (2011, p. 35) “O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”.

Sendo assim, a escola apresenta-se como este lugar privilegiado onde surgem as primeiras questões sobre a vida em sociedade, passando da contextualização do sentido do meu para o nosso, o comum a todos e todas. Não mais a atitude do meu no sentido de que tudo me pertence, como acontece em casa, com seus pais, irmãos, coisas e objeto, mas na escola esta atitude do meu se dará agora como o nosso.

Posto isto, ao mergulhar em atitude de curiosidade o aluno vai entrando neste novo mundo de novos saberes que se desenvolvem a cada passo dado, em vista de novas descobertas a serem trilhadas. Este caminho não tem fim, pois se projeta ao longo da vida.

Com isso, essa atitude gera uma verdadeira autonomia, ou seja, o aluno se torna agente da sua própria formação, vendo no professor um facilitador em vista de novos caminhos a serem trilhados. Quanto mais se aprende mais se tem a aprender. Quanto mais se descobre, mais se terá a descobrir, quanto mais toma decisões mais se terá a decidir. É neste processo de autonomia que o aluno se fará a sua vida toda, como aprendiz do apreendido.

Desta forma, aprender também depende do educando e não só do educador, Paulo Freire coloca a educação como um processo de libertação, onde o educando

se torna autônomo, construtor dos seus saberes. Pois, sem esta possibilidade de caminhar em vista da autonomia o educando se tornará um mero repetidor do que aprendeu, desembocando na chamada educação bancária. Para Freire (1996, p. 42):

O pensar certo saber, por exemplo, que não é a partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

O pensar sobre o fazer que gera a autonomia para a vida, pois o que se faz se realiza a partir de uma prática que gera novos saberes e não somente como mera repetição.

3.4 A FALTA DE PREPARAÇÃO DOS EDUCADORES NO ENSINO DE UMA FILOSOFIA LIBERTADORA

Como se sabe, de um educador o mínimo esperado é que saiba com firmeza, domine o conteúdo que ministra, e desta forma esteja atualizado em sua área. Só assim este educador poderá buscar melhor comunicar-se com seus educandos, Freire assegura (1996, p. 25):

As considerações ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramentos de um primeiro saber inicialmente apontando como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista. Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

O ensino da filosofia é de grande importância e deve estar centralizado na busca de gerar uma autonomia no educando, colocando sempre em estreita ligação a teoria e a prática, que se torna uma verdadeira troca por articulação, beneficiando o educando, o professor e própria comunidade, visto que ele está inserido em uma realidade histórica dinâmica.

A seguir se apresenta a intervenção pedagógica e seus desdobramentos em vista de elucidar a pergunta a esta problemática levantada no início desta pesquisa, se é possível ensinar filosofia a partir das categorias freirianas da curiosidade e autonomia.

3.5 A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA: DA TEORIA À PRÁTICA

A promoção de uma educação participativa e de qualidade, levando em conta a participação ativa dos seus agentes, seja professor seja o aluno, é o objetivo da pedagogia de Freire. Tal processo levaria necessariamente a uma inclusão social, política, econômica e cultural.

A educação não deve ser um privilégio de poucos, mas um direito do ser humano, permeando todas as suas ações e orientações. Contemplando a diversidade de valores, bem como o saber já existente entre aqueles que participam, respeitando etnias, o meio em que se vive, destacando o meio ambiente, como lugar comum.

Esse processo se dá em uma perspectiva libertadora, valorizando uma educação integralizada, onde todas as dimensões da vida são valorizadas.

Comentando o processo, afirma Beisiegel (2010, p. 90):

A conscientização estava aí, mas era examinada sob o ponto de vista da luta transformadora dos “oprimidos”. O autor já não delimitava campos distintos para a atividade propriamente educativa (a “conscientização”) e a posterior atuação política dos educandos (quando, já “conscientizados”, poderiam então optar pela prática política que entendessem como a mais convincente).

A educação popular geraria com certeza uma conscientização naqueles que agora enxergam o mundo de forma mais abrangente, entendendo todo o processo socioeconômico. Com certeza vendo toda uma possibilidade de transformação, sobretudo advinda das massas nasceria daí uma busca por valorizar a força popular.

No meio das comunidades, na sociedade se dá de forma eficaz tal processo educativo, visto que partiria do mundo daqueles que são agentes ativos e passivos neste processo onde todos são agentes de sua própria formação.

A história de Freire está marcada por esta participação popular, na busca da ética e do respeito pelo diferente. Ainda segundo Beisiegel (2010, p. 39):

A criação do método coava uma longa pesquisa de procedimentos que vinha ensaiando na divisão da educação do SESI de Pernambuco, no qual ingressa em 1947, e mais recentemente, no Movimento de Cultura Popular (MPC) do Recife, que ajudara a criar, em maio de 1960.

Ao que se percebe, há um envolvimento com o meio popular, visando despertar em si este sentimento de pertença a este para o qual é desenvolvido o seu projeto. Tal envolvimento gera um comprometimento com as lutas desse povo, na busca de uma vida melhor. Neste contexto histórico, essa luta implica em fazer com que as

possam enxergar bem mais o que a sua realidade e o poder vigente os possibilitam ver. Contudo, percebe-se uma educação baseada na participação de todos geraria esta consciência de que a partir de uma visão mais larga das coisas o homem poderia por si mesmo buscar as suas melhoras.

3.6 A EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA

Não se pode falar em Paulo Freire sem aludir a sua grandeza no que diz respeito ao método participativo usado na alfabetização de jovens e adultos. Tal modo de pensar a educação revolucionou a pedagogia e não se pode mais falar em educação sem mencionar a prática em que o aluno é também agente da sua própria formação.

Essa experiência então se dá no meio de um povo humilde, e a partir de uma metodologia aplicada visando contemplar a sua situação de vida. Seu método visa tornar acessível o aprendizado não simplesmente por meio do aprender o que os livros ensinam, mas aprender a ler o mundo ao seu redor. Aprender a ler a realidade a partir do seu mundo para em seguida poder reescrevê-la e transformá-la. A alfabetização faz com que os desfavorecidos rompam com uma cultura do silêncio, fazendo-os sujeitos da sua própria história.

Falando sobre isto, afirma Freire (1997, p. 29) pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Ora, a libertação tão pretendida a partir do ser alfabetizado não vem de fora, mas de dentro da própria pessoa que agora se encontra diante de uma nova realidade. O mesmo se percebe diante de um novo mundo que acaba por descobrir não fora dele, mas como ser participante deste, o que lhe outorga o direito e até o dever de mudar a sua realidade em uma realidade melhor. Passa de um mundo onde é pensado pelos outros para pensar a si mesmo.

Com isso, Beisiegel (2010, p. 29) complementa:

Não haveria como admitir-se uma existência do homem descomprometido com sua circunstância. Entre os numerosos temas do pensamento cristão renovador envolvido nas reflexões de Paulo Freire, nas considerações sobre a relação entre educação e humanização, o tema do comprometimento do homem com a sua realidade prevalece sobre os demais.

Neste contexto, a educação se torna uma roda viva, onde o professor e o aluno vão descobrindo o mundo um do outro e a partir deste conhecimento recíproco se dá a verdadeira aprendizagem libertadora.

A sua experiência se dá de forma que jovens e adultos conseguem, a partir do conhecimento, sair de um marasmo, em que se encontravam, alheios as suas próprias realidades.

Sendo assim, exemplificando em seu livro *Pedagogia da autonomia*, afirma Freire (1997, p. 25), não há professor sem aluno, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

É nesta troca de saberes que se dá o verdadeiro caminho do saber, visto ser o professor o facilitador que ao facilitar neste processo também se torna um aprendiz, sendo este também colaborador nesta caminhada. Através da base teórico-conceituação até aqui explicitada é fruto de uma investida bibliográfica que fornece os elementos basilares para analisar os dados obtidos ao longo da intervenção que segue no próximo capítulo.

4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: A PRÁTICA DE MÃO DADAS COM A TEORIA

O presente capítulo apresenta todo o percurso metodológico aplicado na intervenção pedagógica, destacando ainda como resultado a reflexão sobre um educador que possa ser visto como transmissor dos saberes necessários ao processo educativo, de forma libertadora e participativa, tomando como categorias a criatividade e a autonomia, à luz do pensamento freiriano.

4.1 O TERRITÓRIO DE PESQUISA

Em 1985 surge em Garanhuns mais uma Instituição de Ensino, fundada pela professora Maria Almeida, natural do município de Capoeiras – PE, que teve como muitos professores o sonho de transmitir o conhecimento para o próximo, visando o seu desenvolvimento como cidadão participante, autônomo e criativo. Iniciando assim, em uma pequena casa na Cohab II, no município de Garanhuns – PE.

Ao longo dos anos a fundadora foi ampliando e ganhando o seu reconhecimento na cidade de Garanhuns e região, pois ela veio investindo na formação social e intelectual tornando-se referência em educação.

Imagem 1: Fachada do Colégio



Fonte: Do Autor (2023).

O Colégio Santa Joana D'Arc está localizado no mesmo endereço de fundação, na rua Alice Tinoco, Cohab II, Garanhuns – PE, ofertando creche, Pré-escola, Ensino Fundamental - Anos Finais 6º ao 9º, Ensino Fundamental - Anos Iniciais 1º ao 5º.

A estrutura da escola está dividida em mais de 30 salas, sendo elas distribuídas em salas de aulas, assim como Sala da Diretoria, Sala de Leitura, Sala de Professores, sala de laboratório, além de quadra poliesportiva, espaço de dança. É importante ressaltarmos que a infraestrutura do Colégio está sempre atento e procurando com a inclusão social, assim, a estrutura está toda adaptada para a acessibilidade de os alunos com deficiência visual, auditiva e cadeirantes.

O quadro de funcionários está dividido da seguinte forma: 1 (uma) diretora, 1 (uma) coordenadora, 1 (uma) supervisora educacional, 1 (um/a) recepcionista, 1 (uma) secretária, 29 (vinte e nove) professores, sendo 9 (nove) professores do Ensino Fundamental I e II, 2 (dois) funcionários de serviços gerais.

4.2 CAMPO METODOLÓGICO

Este ponto tem como objetivo definir a base teórico conceitual da investigação que foi desenvolvida, sua identidade, motivos e intenções. Neste sentido a metodologia tem caráter funcional. Sendo de natureza empírica essa pesquisa é qualitativa, visto que os dados advêm da vivência em sala de aula de significados compartilhados e construídos no caminho da intervenção. Com a utilização de grupo focal dos professores e dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, existindo uma semelhança nos dados evidenciados entre os participantes da pesquisa.

Neste sentido buscou-se compreender o problema da pesquisa enquanto pesquisador da temática das contribuições de Paulo Freire no ensino da Filosofia, sobre até que ponto as práticas pedagógicas do Colégio fortalecem a autonomia a partir do estímulo à curiosidade. Chizzotti (2000, p. 81) defende que:

A pesquisa qualitativa, não é uma definição apriorística, fruto de um distanciamento que o pesquisador se impõe para extrair as leis constantes que o explicam e cuja frequência e regularidade pode-se comprovar pela observação direta e pela verificação experimental.

O problema de pesquisa visa o estabelecimento de aproximação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, na busca por respostas ao seu problema de pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa-ação numa abordagem qualitativa é a

metodologia de estudo que estabelece maior aproximação com objeto de pesquisa. Para Thiollent (p.54-55), grifo do autor:

Por ter uma vocação de pesquisa prática, a pesquisa-ação é frequentemente vista como uma concepção empirista da pesquisa social na qual não haveria muitas implicações teóricas. Bastaria o “bom senso” dos pesquisadores e a sabedoria popular dos participantes na identificação de problemas concretos e na busca de soluções.

A pesquisa-ação permite que o pesquisador possa fazer uma intervenção no campo de pesquisa escolhido a partir de sua problemática de pesquisa. A pesquisa-ação fornece subsídios para que o pesquisador reflita criticamente sobre o fenômeno por ele observado e apresente solução para o mesmo. “[...] a pesquisa-ação tende a adotar preferencialmente procedimentos flexíveis. Primeiramente porque ao longo do processo de pesquisa os objetos são constantemente redefinidos [...]” (GIL, 2002, p.146). Essa metodologia de pesquisa acontece mediante vários instrumentos de coleta de dados.

Os percursos metodológicos adotados na condução da pesquisa permitem ao pesquisador fazer a conexão entre a teoria e a realidade por ele observada. “Toda pesquisa explicita uma concepção e o pesquisador assume, manifesta ou latente, ingênua ou justificadamente, uma concepção da realidade” (CHIZZOTTI, 2006, p. 15) que este se propõe a estudar.

Dessa forma, Minayo também se consolida com o discurso de Chizzotti quando afirma que “a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática” (MINAYO, 2002, p. 16). As declarações acima feitas pela autora estão em acordo com as posições acerca da pesquisa quando ela pontua a existência de um instrumento metodológico conciso e capaz de nos direcionar perante o percurso da pesquisa, do ponto de vista teórico e na prática desta.

Enfatizamos o papel que a pesquisa ocupa quando entramos no ambiente de nossa pesquisa, o Colégio Santa Joana D’Arc em Garanhuns – PE. Nas palavras de Minayo (2002, p. 16) “entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Percebe-se que a pesquisa enquanto uma ciência está baseada na observação de algum fenômeno. Nesse caminho, a metodologia para este estudo segue a seguinte estrutura: (I) a abordagem da

pesquisa; (II) os instrumentos utilizados na coleta de dados; (III) o cenário/lócus da pesquisa; (IV) os participantes da pesquisa; (V) a análise e interpretação dos dados.

A pesquisa foi realizada no Colégio Santa Joana D'Arc, que está localizado no mesmo endereço de fundação, na rua Alice Tinoco, Cohab II, Garanhuns – PE. Os participantes da pesquisa são: professores (08), estudantes (22) do 9º ano. No subitem seguinte trazemos os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados desta pesquisa.

4.2.1 Instrumentos para coleta de dados

Utilizamos para a coleta de dados instrumentos que poderiam potencializar a resposta para a nossa questão inicial de pesquisa. Com isso, surgiram os instrumentos que permeiam o Colégio Santa Joana D'Arc e que favorecem na compreensão do presente estudo.

O quadro a seguir apresenta os instrumentos, seguido de objetivo e de justificativa para a escolha.

Quadro 1 – Instrumentos para coleta de dados

Estratégia	Instrumento	Objetivo
Pesquisa de Campo	Questionário para os Estudantes	Entender como as práticas de ensino se dá a partir da curiosidade e autonomia na aprendizagem diária.
Pesquisa de Campo	Questionário para os Professores	Entender no processo educativo de ensino como se trabalha as questões ligadas a curiosidade e autonomia.

Fonte: Do Autor (2023).

A construção dos resultados demonstrou o comportamento dos participantes envolvidos sob uma ótica da necessidade de iniciar uma reflexão sobre a temática das contribuições de Paulo Freire no ensino da Filosofia, visando assim, analisar as contribuições dos participantes da pesquisa através dos questionários aplicados que abordaram questões a partir da curiosidade e autonomia como princípios de uma educação libertadora. O impacto no desenvolvimento das atividades pedagógicas do ensino, demonstrando um enriquecimento não só conceitual, mas também no desenvolvimento filosófico dos temas abordados.

4.2.2 Análise e Discussões dos dados

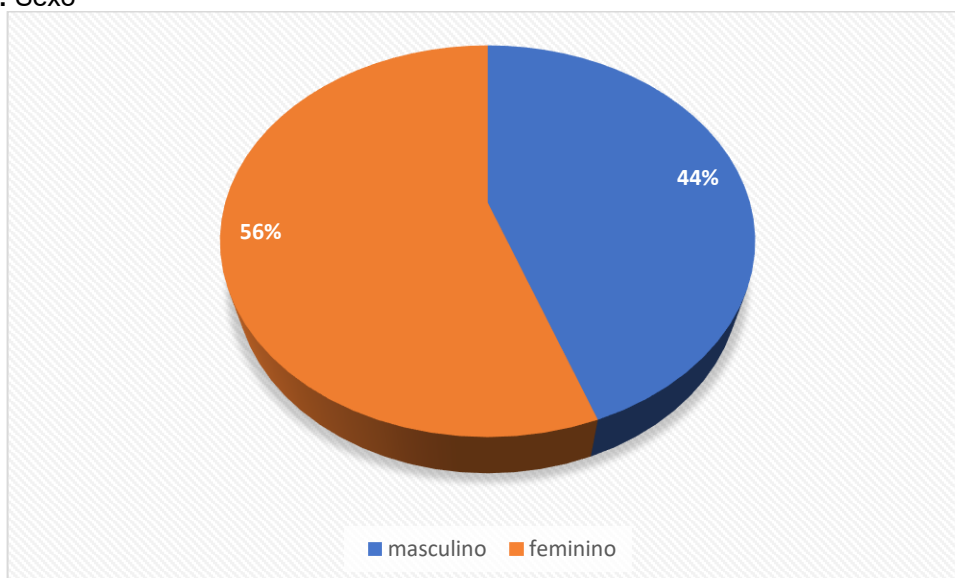
As reflexões conceituais e os aspectos que as comunidades acadêmicas e científicas buscam, em especial para desenvolver os princípios da educação vêm se tornando a cada novo momento da evolução humana, uma trajetória na qual questões sociais passam a ser fundamentadas sob os aspectos relevantes para o desenvolvimento da autonomia a partir da curiosidade, sendo estes um dos princípios de uma educação libertadora.

Partindo do princípio de que os resultados obtidos trazem novas reflexões pode se constituir o conceito de que a aquisição de uma nova percepção pode corresponder a possibilidades de transformações.

As questões temáticas abordadas foram distribuídas em 3 (três) questionários. O primeiro e o segundo questionários foram aplicados aos alunos ambos compostos por 3 (três) questões. A turma do 9º ano é formada por 30 alunos, sendo estes 17 alunos do sexo feminino e 13 alunos do sexo masculino. Ressaltamos que a aplicação dos questionários foi realizada com a participação de 22 (vinte e dois) alunos, onde estes passaram por um sorteio de forma sigilosa e aleatória, para não comprometer a pesquisa em questão.

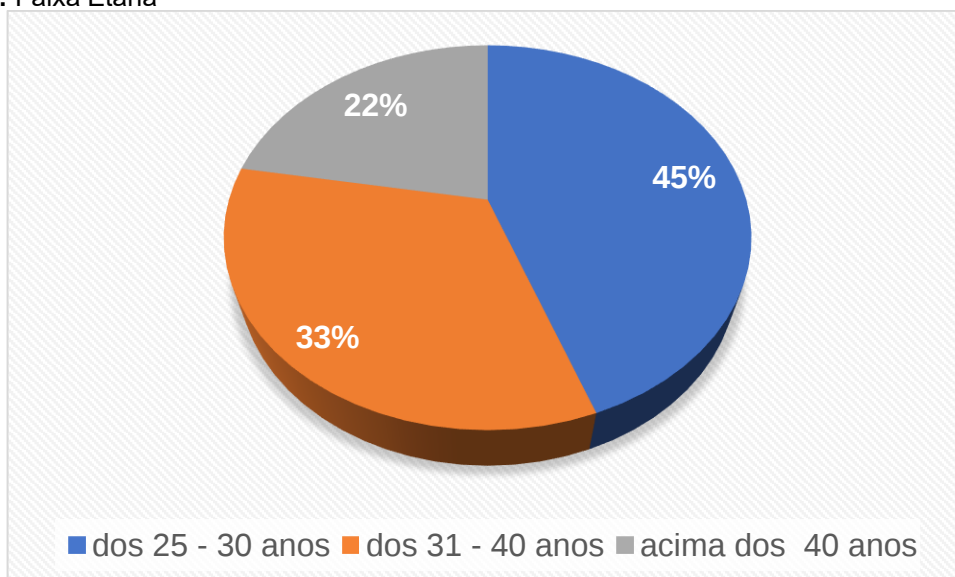
Como resultado das intervenções obtivemos dos alunos respostas através dos textos e figuras apresentadas, obtendo assim, ação de observar a capacidade da curiosidade e da autonomia. Através das respostas obtidas a partir dos questionários aplicados (**Anexos 1, 2 e 3**) abordando as categorias freirianas da curiosidade e autonomia, a possibilidade de uma leitura sobre as perguntas da vida e do mundo em vista de um aprendizado epistemológico. A partir das respostas obtidas pode se visualizar o uso da curiosidade e da autonomia na educação.

Já o terceiro questionário foi construído com 4 (quatro) questões sendo este aplicado aos professores 9 (nove), obtendo os seguintes resultados, no Gráfico 1 foi realizado o levantamento quanto ao sexo dos participantes, obtendo-se como resultado 56% dos professores são do sexo feminino e 44 % são do sexo masculino.

Gráfico 1: Sexo

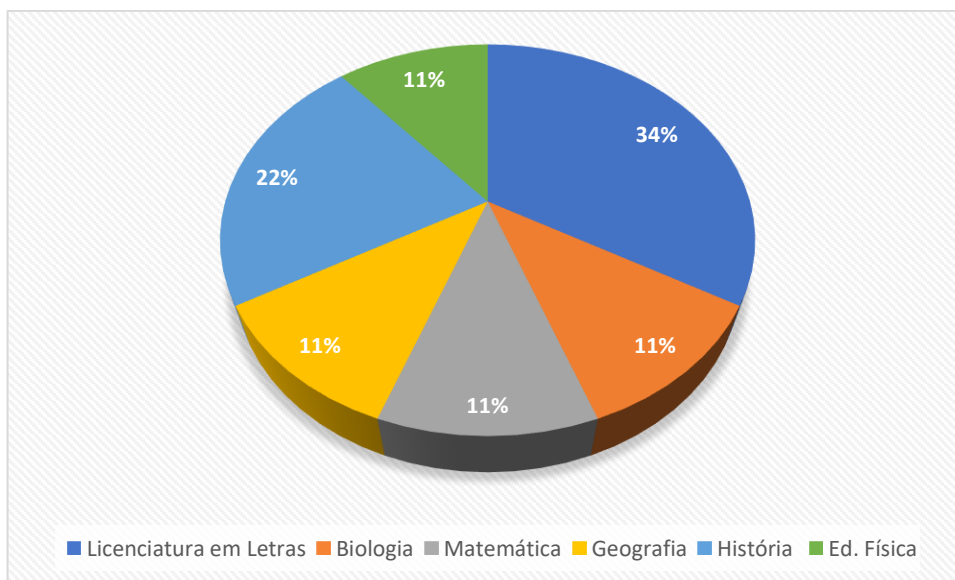
Fonte: Do autor, (2023).

No Gráfico 2 buscamos identificar a faixa etária destes professores, obtendo como resultado, 45% dos participantes da pesquisa estão entre 25 – 30 anos, 33% com mais de 30 anos e apenas 22% tem mais de 40 anos.

Gráfico 2: Faixa Etária

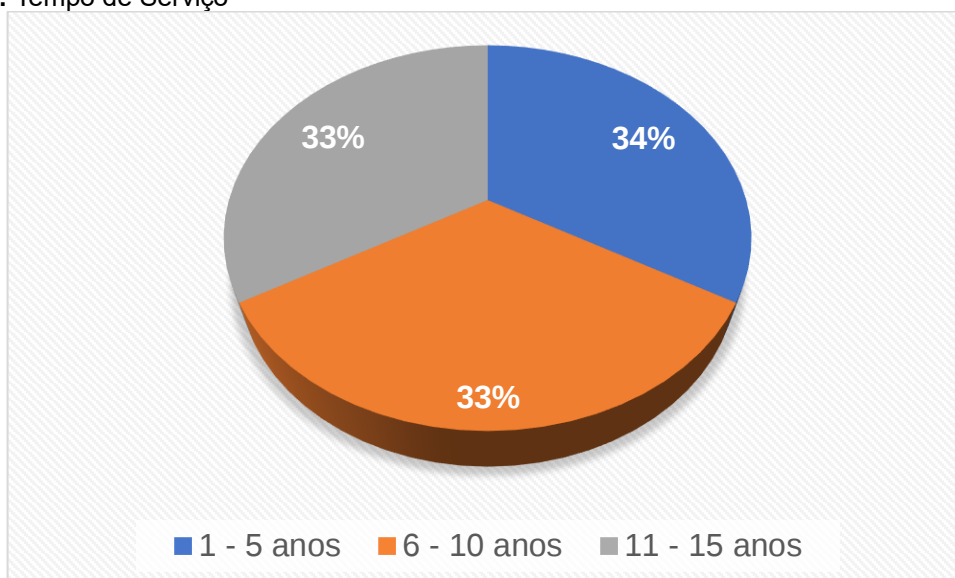
Fonte: Do autor, (2023).

Já no Gráfico 3 foi questionado a Formação acadêmica dos professores, assim obtivemos como resultado 34% dos professores tem como licenciatura a disciplina de Letras, 22% são licenciados em História e 11% estão distribuídos em Biologia, Educação Física, Matemática e Geografia.

Gráfico 3: Formação Acadêmica

Fonte: Do autor, (2023).

Finalmente no Gráfico 4, abordamos o tempo de serviço como professores, com 34% os professores estão lecionando com 5 anos de experiência de sala de aula, com 33% estão com tempo de serviço entre 6 – 15 anos de experiência.

Gráfico 4: Tempo de Serviço

Fonte: Do autor, (2023).

Dentro dessa construção de resultados, é possível analisarmos inicialmente o comportamento dos professores, ou melhor, dos professores participantes da pesquisa, precisando sempre estar em continua formação, visto que se pode encontrar conflitos ainda ideológicos pelas tendências entre conceituar sob o olhar de

uma pesquisa e conceituar sob aspecto de uma conversa informal. Na informalidade os professores se comportam bem mais livres de acordo com a conversa e deixam transparecer que o uso das categorias a serem investigadas estão dentro da perspectiva educacional de todos.

4.2.3 A palavra dos participantes da pesquisa: Discentes

A forma para a efetivação das práticas pedagógicas freirianas possibilitam a partir das categorias autonomia e curiosidade, efetivar o processo ensino/aprendizagem da Filosofia. Neste caso o Colégio pesquisado se apresenta a partir dos professores e alunos, como um lugar de curiosidade, bem como segundo dados adquiridos na pesquisa. Dos 22 (vinte e dois) alunos participantes da pesquisa, destacamos algumas falas nas questões respondidas, sendo estas de grande importância para a nossa análise. O primeiro questionário (**Anexo 1**) dividido em 3 perguntas abordando “curiosidade”, pedimos para que os participantes da pesquisa analisassem e interpretassem o texto de Paulo Freire a partir da imagem e fala de autor: *Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante de um mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos* (PAULO FREIRE, 1996, p. 35). A curiosidade é um tema que desperta inúmeras perguntas. Os filósofos sempre foram pessoas que buscaram o sentido das coisas, foram movidos pela curiosidade na busca de entender o mundo que o cerca. Ficou claro nos resultados, que através da pedagogia libertadora, poderá se falar numa educação que prima pela curiosidade e autonomia. Não há uma prática pedagógica sem os atores principais neste palco da vida. Educador e educando se tornam parceiros nesta empreitada da busca pelo saber, é isso que se constata ao longo da pesquisa teórica. *Vendo esta frase de Paulo Freire, e esta imagem, responda: em que a curiosidade nos ajuda a responder pelas indagações da vida e seu sentido.* Para a aluna 1 a educação ajuda a aprender a fazer as tarefas do dia a dia não dependendo dos seus pais para tal atitude, tipo fazer as tarefas do lar e da escola. Para o aluno 2 a escola ajuda nas novas descobertas e professores a ajudam a fazer este caminho em vista da solução dos problemas propostos em sala de aula.

Dentro desse pensamento foi possível analisarmos que a concepção dos alunos participantes da pesquisa acredita que a “curiosidade” está voltada para as

questões das descobertas, impulsionando para a modernidade, uma vez que faz parte da humanidade querer sempre aprender mais.

O aluno A diz: Em minha opinião se não fosse pela curiosidade não estaríamos nessa modernidade, pois de forma indireta a curiosidade faz parte da inteligência, é o que nos desperta a querer aprender.

Já o aluno B fala que: Por meio da curiosidade, achamos explicações para a maioria das coisas que existe, como por exemplo nossa existência.

A aluna C explica que: Ela nos ajuda, a saber qual a profissão vamos exercer na sociedade, em geral temos a curiosidade de conhecer nosso futuro e o “porquê daquilo”, “o que é isso”, “o que isso significa”.

Diante destas falas podemos apreender as contribuições de Freire (2020) para o ensino de Filosofia firmado na sua concepção de educação libertadora, evidenciando a grande importância, uma vez que, não há um processo de aprendizagem sem a constante participação efetiva e afetiva do educador e educando.

A educação deve fazer com que o aluno se torne protagonista do seu caminho no aprender, tendo o educador a tarefa de facilitador neste processo educativo.

Ao serem indagados: *Como se vê diante da curiosidade? Caso sim, exemplos de como vem exercitando estas duas atitudes na prática de sua vida cotidiana?* Os participantes responderam *“ser uma forma de exercitar a curiosidade é irmos para Escola, porque indo à Escola vamos sentir necessidade de aprender”*. Este “irmos à escola é colocado também como a capacidade de ir sozinhos sem a companhia dos pais.

Já outra participante respondeu: *Sou muita curiosa, às vezes isso atrapalha, em as pessoas confiarem em mim, por exemplo se uma pessoa está chorando eu vendo e fico perguntando o porquê dela está chorando, sendo que talvez a pessoa só queira chorar e não quer lembrar daquilo”*.

Ao analisarmos as respostas, os participantes interpretaram esta pergunta mais voltada para sua vida social, no cotidiano, ou seja, se afastando um pouco do campo escolar, desta forma, é importante ressaltarmos que Freire (1996) explica, que a aprendizagem é criativa e criadora, e parte da observação do mundo e de cada ser no mundo. De início, podemos olhar o mundo através de “modelos”, “formas” e das próprias circunstâncias opressoras, sem nos dar conta disso.

Ao serem indagadas na terceira questão: *A Escola, através das aulas vem contribuindo para o exercício da curiosidade? De que forma?* Foram as mais variadas

respostas. Onde todos os participantes da pesquisa responderam, *sim!*. Ao serem perguntadas de que forma? As respostas foram variadas dentre elas destacamos:

A aluna D explica que: Sim, nós alunos temos a curiosidade de saber o que vamos trabalhar, o que será o assunto da próxima aula etc.

A aluna E também afirma que: Sim, porque conforme nós vamos aprendendo, a curiosidade vai aumentando nossa curiosidade e desejo de aprender mais.

Já o aluno F ressalta que: (...) Levando o assunto mais além explicando cada vez mais aos alunos fazendo mais perguntas sobre o assunto e cada vez mais a gente vai ficando com mais curiosidade e com mais vontade de aprender o assunto.

Albuquerque (2013), explica que a curiosidade ingênua é natural. A criança quer descobrir tudo: o quê? Por quê? Como? Para quê? Muitas vezes, essa curiosidade é tolhida. Pronunciamos mais a palavra não, procurando silenciá-la, em vez de estimulá-la a perguntar, problematizar, pesquisar e contar as suas descobertas, dúvidas e novas indagações.

Dentro destas respostas, fica claro que as categorias da autonomia e da curiosidade a partir da concepção de Paulo Freire, se apresentam estas como basilares para o desenvolvimento de uma educação, e nesta percebe-se que há uma verdadeira base para objetivar o ensino da filosofia. Ficando claro quando realizamos o segundo questionário sobre “autonomia”.

Os participantes da pesquisa na primeira questão foram pedidos para analisarem e interpretarem o texto de Paulo Freire, assim como a imagem ao lado (**Anexo 2**), *“Pelo contrário, nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”* (PAULO FREIRE, 1996, p. 35).

Dessa maneira a primeira questão pediu para que os alunos falassem um pouco do que eles compreenderam a partir da fala de Paulo Freire e a imagem, assim destacamos algumas falas dos participantes, tais como:

A aluna A explica que: A autonomia muitas vezes é saber tomar decisões por conta própria, algo necessário no cotidiano.

O aluno B diz: Eu creio que a autonomia seja a independência ou o alto controle, isso nos ajuda nos desafios diários porque não teremos ninguém para atrapalhar nossos desejos, e caminho que escolhemos.

É possível analisarmos como estes alunos veem a autonomia como uma forma de liberdade em suas decisões, é sendo dentro desse contexto tanto a curiosidade quanto a autonomia estão de mãos dadas para o crescimento intelectual do aluno. Uma vez que as aprendizagens sociais de homens e mulheres, o ensinar e o aprender são históricos — fazem história. Eles são um processo de “criação e recriação” em sua natureza político-pedagógica. A relação que se estabelece entre o(a) educador(a) e seus(as) estudantes na perspectiva da Pedagogia Paulo Freire é uma relação radicalmente democrática e criadora. Para isso, precisamos ensinar aos (às) nossos(as) estudantes a pensarem certo, superando condicionamentos e achismos.

Ao serem indagados, *se a Escola está através das aulas contribuindo para o exercício da autonomia e de que forma?!* Apenas dois alunos não responderam. Porém, os demais responderam que *sim!*

Ao perguntamos de que forma, obtivemos algumas respostas, tais como:

O aluno D diz: Sim, com as matérias escolares, eu aprendo tudo, para eu visar no meu cotidiano e futuramente na vida também, matemática é extremamente importante, português também, e uso constantemente (...).

A aluna E explica que: A escola contribui para a autonomia com as atividades e os exercícios, devemos fazer as atividades com os nossos conhecimentos assim utilizando a memória e a aprendizagem assim fazendo nos mesmo, sem a ajuda de qualquer outro.

Paulo Freire chama a atenção para o fato de que muitos(as) de nós podemos pensar errado achando que estamos pensando o certo. Mas a humildade nos convida a problematizar os nossos pensares, sentires e fazeres e a abrir o caminho para a superação da curiosidade ingênua, para a prática da rigorosidade metódica, nutrida pela curiosidade epistemológica que auxilia no pensar certo.

Sendo dentro desse contexto que a visão filosófica a partir da história, faz com que o ensino baseado na história construa uma ponte para a vida do aluno (a), vislumbrando sempre estes como protagonistas do processo do aprender na busca de um pensamento cada vez mais autônomo e formador de opinião.

Ressaltamos ainda que através do parâmetro utilizado para o desenvolvimento da intervenção foi a base nacional comum curricular (BNCC), que normativa o progresso das aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver na educação básica, em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei n. 9.394/1996) “Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem

concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BNCC, 2018, p. 10). Dentre essas 10 competências gerais destacamos 2 para compor nosso processo de intervenção que foram: Conhecimento e Argumentação.

4.2.4 A palavra é dos participantes da pesquisa: Docentes

Paulo Freire, ao refletir sobre os processos de formação dos(as) educadores(as) e na formação plena dos educandos(as), reafirma que ambos os processos exigem rigorosidade metódica, diretamente relacionada à questão da ética universal do ser humano, e não à ética menor, que é a defendida pelo mercado.

Freire (2000) reafirma que a educação é molhada de ideologia. Ela não é neutra, é ideológica; portanto, cada educador(a) precisa ter clareza de seu lugar no mundo, na escola e na comunidade, na família e em outros espaços educativos. O ser humano é movido por ideologia ou ideologias. Ele está sempre fazendo opções e precisa assumir a responsabilidade de suas posições e suas práticas culturais e sociais. A ideologia, como conjunto de saberes, sentires e fazeres, cria um sentido de coesão; determinadas visões de mundo que tanto podem mascarar a verdadeira realidade e produzir uma falsa consciência, que subjaz aos processos de opressão, como também favorecer o conhecimento crítico da realidade e a produção de novos saberes emancipatórios.

Ao serem questionados *de que forma você, professor, ver essas categorias (curiosidade / autonomia) trabalhadas por Paulo Freire são trabalhadas por você em sala de aula e como elas ajudam os alunos a despertarem a AUTONOMIA E CURIOSIDADE?* As respostas foram as mais diversas, contudo destacamos as seguintes respostas:

A professora A explica que: De acordo com Paulo Freire, todo indivíduo possui um conhecimento prévio que deve ser associado aos conhecimentos científicos. Desta forma, durante as aulas ministradas possuem conexão com a vivência dos alunos, possibilitando a eles construir uma visão crítica, argumentativa e criativa sobre o conhecimento científico e sua aplicação na vida cotidiana.

A professora B diz: Paulo Freire estabelece que as vivências do estudante são essenciais para a formação do aprendiz. Despertando a curiosidade

do aluno em relação ao conteúdo, ele irá de forma autônoma, desenvolver outras habilidades, essenciais para o seu aprendizado.

O professor C explica: Trabalhando com o lado da curiosidade por meio de indagações sobre os temas abordados, levando o discente a desenvolver uma crítica junto a sua autonomia, de buscar soluções em meio aos problemas nas atividades diagnosticadas.

A professora D ressalta que: A criança já é naturalmente curiosa e o professor como mediador tem que atrair o interesse dela a partir das suas escolhas. Por meio da autonomia a criança constrói uma personalidade saudável que possibilita o desenvolvimento de resolver conflitos ao longo da vida. O processo de aprendizagem desperta a curiosidade do aluno, tornando-o mais criativo.

Torna-se perceptível que para os professores da citada escola pesquisada os educandos são instigados a desenvolverem a curiosidade visando as atividades de sala de aula, visando estes desenvolvimentos de habilidade a partir da realidade dos alunos.

Ao investigar experiências pedagógicas desenvolvidas a partir das categorias da autonomia e da curiosidade no ensino de filosofia percebemos que educandos e educadores no chão da escola caminham juntos na busca desse conhecimento. Não há uma educação sem uma pedagogia participativa que gera autonomia sem despertar no outro a vontade do saber mais.

De início, pudemos afirmar que a pedagogia na visão freiriana é calcada na prática do pedagogo, buscando desenvolver atividades que levam em conta a necessidade de articular saber e saber fazer. Ao questionar aos professores quanto ao seu exercício “*sua pratica pedagógica você tem a preocupação de desenvolver nos alunos as categorias da curiosidade e da autonomia? Caso sim, o que o/a motiva a trabalhar nos seu cotidiano?*” Tivemos respostas, tais como:

O professor E afirma que: Sim, através das atividades de pesquisa e intervenção associativa a vida cotidiana.

O professor F ressalta: Solicitando leituras e fazendo questionamentos nos quais as opiniões dos alunos devem ser expostas, para que eles apresentem argumentos. Um aluno autônomo tem mais possibilidades de aprendizado.

A professora G explica: A busca sobre o conhecimento cotidiano, elevando não apenas o meu eu, mas no próprio discente, isso é o que me motiva.

É possível constatar que eles trabalham tais atividades levando-os sempre em conta a dicotomia entre o saber e o saber fazer. Este fazer está cercado das experiências que ao longo da vida se adquire, mesmo a criança que vem de casa não

como um a tábula rasa, pronta para ser escrita, mas traz consigo a cultura dos seus pais, da sua família, do lugar onde vive, Freire (1978, p. 165-136) ressalta:

Não há contexto teórico verdadeiro a não ser em unidade dialética com o contexto concreto. Nesse contexto, onde os fatos se dão, nos encontramos envolvidos pelo real, molhados nele, mas não necessariamente percebendo a razão de ser dos mesmos fatos, de forma crítica. No contexto teórico, tomando distância do concreto, buscamos a razão de ser dos fatos. Em outras palavras, procuramos superar a mera opinião que deles temos e que a tomada de consciência dos mesmos nos proporciona, por um conhecimento cabal, cada vez mais científico em torno deles. No contexto concreto somos sujeitos e objetos em relação dialética com o objeto; no contexto teórico assumimos o papel de sujeitos cognoscentes da relação sujeito-objeto que se dá no contexto concreto para, voltando a este, melhor atuar como sujeitos em relação ao objeto. (...) Daí a necessidade que temos, de um lado, de ir mais além da mera captação da presença dos fatos, buscando assim, não só a interdependência que há entre eles, mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um e, de outro lado, a necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante.

Ainda de acordo com Freire (1978), faz-se necessário não só o pensamento enquanto tal, mas a necessidade de colocá-lo em prática, visto ser o objeto do pensar enquanto método pedagógico. Neste contexto, entre o pensar e o colocar em prática o pensado, se não praticado, poderia se transformar em um mero jogo. Daí o perigo de transformar a atividade intelectual desvalorizada, visto que inibe a sua força transformadora.

Ao indagarmos *que atividades pedagógicas você desenvolve no cotidiano de ação docente com os alunos?* Obtivemos como respostas:

A professora A trabalhar: Reflexão a partir da leitura, convivência e compreensão de mundo com brincadeiras e jogos cooperativos. A musicalidade proporciona o desenvolvimento rítmico, oral e motor; com a arte exploram os sentidos compreendendo tudo ao seu redor, criando assim uma rotina escolar como: guardar brinquedos, alimentar-se sozinho e atividade que envolvam o emocional.

A professora B diz: Atividades do livro didático, pesquisa científicas, praticas oral e escrita e atividade através do áudio visual.

O professor C explica: Ambulatório infantil – os alunos analisavam alguns casos juntamente comigo, estudavam os possíveis motivos e como poderiam evitar certas doenças; aula de campo; ciências na prática; montagem de sistemas de forma lúdica e utilização do código QrCold e RA; Podcast sobre ciência; momento repórter sobre atualidades; campanhas de conscientização.

Conforme as respostas acima, é possível compreendermos a importância das atividades para o desenvolvimento intelectual, que deve estar atrelada à vida prática,

não uma ciência em função do nada, somente do aprender, mas uma ciência que transforma a vida das pessoas, o seu jeito de pensar de agir, leva a uma mudança no estar no mundo. Ao falar do pensamento, propõe Freire (1997, p. 41):

Pensar, por exemplo, que o pensar certo a ser ensinado concomitantemente com o ensino dos conteúdos não é um pensar formalmente anterior e desgarrado do fazer certo. Neste sentido é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho.

Neste diapasão, compreende-se a sua pedagogia, quando se trata de uma educação onde o sujeito que aprende e o sujeito que ensina se completam em uma espécie de complementação, quando se trata do trânsito que há na troca de experiências.

Já na última questão, indagamos: *Caso você venha trabalhando com estas duas categorias, que indicadores/ exemplos você pode indicar no desempenho dos alunos?* Foi a partir dessa troca de experiência não se dá de forma dicotômica e enfadonha, mas num gesto constante de troca de experiências, e isso não diminui o lugar do professor, ao contrário, faz com que o educando desenvolva uma habilidade maior com aquilo que se aprende, tornando-o autônomo na sua formação.

Obtivemos as seguintes respostas, dos professores:

A professora D explica: Pensamento científico, crítico e criativo: alunos investigativos, reflexivos e críticos, pois, são levados a elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas); argumentação; autoconhecimento e autocuidado; responsabilidade e cidadania; cultura digital.

O professor E explica: Sempre abordo em minhas práticas pedagógicas as duas soluções citadas entre outras, necessárias para o crescimento intelectual e emocional dos nossos alunos, desempenhando conhecimento, pensamento científico crítico e criativo entre outros como: empatia e cooperação, autonomia etc.

A professora F diz: Por meio da observação; fazendo perguntas; estabelecendo objetivos claros; por meio de avaliação.

O professor G afirma que: A possibilidade de recontar e criar histórias (como lendas, por exemplo), a partir do conteúdo visto em sala, fazendo com que os alunos se vejam como escritores, podendo recriar o mundo a partir das palavras.

É notória a presença de Freire nas falas dos professores, uma vez que Ele (2000) afirma que o exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia hegemônica, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria

indispensável à minha prática docente. Pois, é através do diálogo crítico como amorosidade na busca da construção dos saberes que fortalecemos o grupo e damos abertura para novas possibilidades na construção de novos paradigmas, como Santos (2000) ressalta, o conhecimento-emancipação, que em sua historicidade, diz não aos determinismos e fatalismos, abrindo trilhas para a elaboração de uma “contra hegemonia”.

O grande filósofo da educação traz uma inovação quando se trata de uma pedagogia que não visa só e simplesmente o tirar o homem do abismo do não saber, visto que este já traz em si uma sabedoria, a da vida. Tal empenho se dar em fazer com que este que apreende, aprenda a partir da sua realidade cultural, e isto gera uma mudança na sua vida pessoal e na dos outros, tendo em vista que agora é agente de transformação da sua realidade.

A educação de Freire (1978) diz respeito a um método prático, não desprezando o saber acadêmico, mas o inovando, trazendo para a sala de aula a vida prática e fazendo esta junção entre o saber positivado e a prática deste saber que quando colocado na prática gera no ser pensante uma revolução.

Ficou claro nos resultados, que através da pedagogia libertadora, poderá se falar numa educação que prima pela curiosidade e autonomia. Não há uma prática pedagógica sem os atores principais neste palco da vida. Educador e educando se tornam parceiros nesta empreitada da busca pelo saber, é isso que se constata ao longo da pesquisa teórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento das breves considerações sobre o desenvolvimento da presente dissertação, percebo que só dei os primeiros passos nessa nova caminhada.

Uma melhor e mais profunda construção, que requer um debruçar-se mais acurado sobre as contribuições de Paulo Freire no ensino de Filosofia, suas contribuições para uma educação libertadora, enfatizando essas duas categorias basilares, a autonomia e a curiosidade, produção que requer maior abordagem dentro de uma perspectiva teórico-conceitual. O trabalho agora finalizado partiu da linha de pesquisa filosofia e ensino.

Uma vez que, para uma melhor construção dentro das contribuições de Paulo Freire no ensino da filosofia: curiosidade e a autonomia como princípios de uma educação libertadora, que traz no seu bojo como objetivo principal projetar o aluno para a vida. O trabalho partiu da linha de pesquisa filosofia e ensino.

Tomando como referência a pedagogia freiriana para o ensino de Filosofia, em contraposição às dificuldades enfrentadas na vivência dos conteúdos no contexto de sala de aula, pergunta-se o possível uso da pedagogia freiriana a partir das categorias da curiosidade e da autonomia, possibilitando efetivar o processo ensino/aprendizagem da Filosofia?

O desdobramento e melhor abordagem desse problema conduziu à reflexão de que a dificuldade no processo educativo tradicional, no dizer de Paulo Freire a “Educação bancária” poderá mudar a partir da pedagogia libertadora levando o educando a ser agente ativo do processo de aprendizagem da filosofia. O resultado obtido apresentou que a pedagogia freiriana na instituição de ensino que veio à participar da pesquisa, ou seja, Colégio Santa Joana D’ark, localizada na Rua Alice Tinoco, nº 10, Boa Vista, Garanhuns – PE, permitiu constatar que a mesma busca vem difundir no âmbito educacional, a pedagogia libertadora, dando ênfase às categorias da curiosidade e da autonomia. Contribuição que evidenciou a necessidade e possibilidade de tornar o aluno protagonista do processo educativo como sujeito da sua própria aprendizagem. A longo da pesquisa pudemos constatar que os educadores não são formados no ensino superior para de forma eficaz desenvolver uma ação pedagógica freiriana firmada das categorias anunciadas por Freire, a exemplo da curiosidade e da autonomia.

Nos meios educacionais chega a ser versada como meio eficaz em vista do conhecimento epistemológico, merecendo destaque, nesta pesquisa, a relevância das categorias da autonomia e curiosidade tornando o aluno Protagonistas do processo educativo como sujeito da sua própria aprendizagem. Percebemos que os nossos educadores não são formados nas universidades para de forma eficaz desenvolver tais categorias como, curiosidade e autonomia.

Vale ressaltar que a escola Santa Joana D'ark está localizada num bairro popular da cidade onde a população é de classe média a baixa e tem como fonte de renda o trabalho no comercio da cidade.

Através do objetivo geral, foi possível melhor explicar a relevância das práticas pedagógicas freirianas possibilitando um maior desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja continuada e acumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos, da mesma forma, os resultados obtidos pelos educandos ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota final. Daí a importância que tem o educador quando utiliza a observação diária e multidimensional e instrumentos variados, escolhidos de acordo com cada objetivo, voltando-se sempre para o aprender. Daí ser interessante haver mudanças no currículo, na escola, organização da sala de aula, tipos de atividades, e claro, a própria forma de avaliar a turma.

À guisa de destaque, podemos ressaltar um ponto mais espinhoso do ensino-aprendizagem é a avaliação, em que nível de ensino, o interesse é que a preocupação seja fundamentada com a reflexão do educando, com e apropriação por parte dele de algum conhecimento, sendo mais interessante ao avaliar as questões que muito se relacionam com a construção da autonomia do educando.

O professor de Filosofia ao mesmo tempo em que é professor é educador, precisando levar em conta os avanços tanto em relação à reflexão histórica, quanto às atividades individuais dos educandos em sala de aula, precisando assumir definitivamente os desafios presentes na educação, sobretudo aqueles o ensino de Filosofia enfrenta hoje em dia, e que constitui questão a ser ressaltada no presente estudo.

No ensino de Filosofia enfrenta hoje em dia. Tais constatações contribuem para que os educadores se tornem conhecedores da pluralidade, da realidade presente-passado, das questões do seu mundo individual e coletivo, dos diferentes percursos

e trajetórias da Filosofia.

Os educandos podem adquirir a capacidade de realizar análises e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao seu redor com olhos históricos, resgatando o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos da vida cotidiana de cada um, no presente e no passado. Não esquecendo que o último objetivo do exercício de raciocínio histórico é despertar de que o aluno tem capacidade de expressar-se como sujeito Histórico.

Partindo dessa análise do resultado obtido, não podemos deixar os educadores isentos de suas responsabilidades, e para isso eles precisam estar investindo na sua formação como educadores, configurando como heterogenia e de qualidade desigual, sua visibilidade no cenário político e educacional tem mérito indiscutível, porém as questões que envolvem valorização não são levadas em conta nas Políticas econômicas e sociais do Estado brasileiro. Esse problema leva muitos educadores a não ter condições econômicas para investir na sua qualificação, bem como pelo desânimo de acréscimo salarial, nesse entendimento percebemos que o governo brasileiro, em seus diferentes níveis, não vem cumprindo com o seu papel de não qualificar e não ter uma educação de qualidade para todos.

Sabemos que a formação consiste no reconhecimento das trajetórias próprias dos seres humanos, como também exige a contextualização histórica dessa trajetória, que é determinada socialmente, sendo importante compreendê-la como inacabada, e mais comprometida com a maneira de olhar, intervir e explicar o mundo, principalmente a realidade local.

Sendo assim, o educador deve estar inserido ativamente nesse processo dinâmico da formação, através de questionamentos, reflexão, experimentação e interação que fomentam a transformação e a mudança.

Essa compreensão implica em romper com o pensamento contribuindo para que o educador se tornasse um sujeito reprodutor, marcada por práticas formais, cujos parâmetros eram determinados, conhecimento, sem levar em consideração o saber do educando e as transformações que aconteciam diariamente na sociedade, principalmente nesse momento das tecnologias.

Portanto, o ensino de Filosofia, consubstanciado pelas características próprias da área do conhecimento, fundamentada na permanente prática reflexiva, com vistas a contribuir para a formação de pensamentos complexos, que possibilitam a ampliação do entendimento de mundo, de homem, de sociedade e as intrínsecas

relações entre tais pontos.

É preciso que o educador se torne um ser reflexivo, passível de mudanças nas suas práticas educativas, entendendo o ser humano como sujeito sócio histórico em trabalhar com a ideia de ser flexivo e ter uma identidade como metamorfose, no entender que o ser humano é um sujeito social-histórico em permanente movimentação. Assim sendo, o educador assume seu papel histórico como pessoa e profissional da educação, reelaborando sua identidade ao lado de agentes sociais, colaborando para que seus educandos sejam influenciados na evolução de seu pensamento e modo de agir cotidianamente, sendo capazes de intervir na realidade com autonomia e da constante prática da curiosidade como elemento de descoberta de novas ideias e formas de agir. O educador está inserido ao elemento histórico onde o mesmo se expressa como pessoa e profissional da educação, nesse percurso a identidade é criada e reelaborada, com os agentes históricos que fazem parte de determinada sociedade, onde essa influência é absorvida tanto o educador, como os educandos se acham em permanente processo de construção, ampliando seu modo de pensar, firmando suas identidades numa perspectiva individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. **Coleção Os Pensadores**. Tradução Vicenzo Cocco. Vol. IV, São Paulo: Nova Cultura, 1996.

BASTOS, Alice Beatriz Barreto Izique. **Wallon e Vygotsky: Psicologia e Educação**. São Paulo, Ed. Loyola, 2014.

BEISIEGEL, C. R. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo, Pioneira, 1974.

BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.

BOEHNER, Philotheus ; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**: desde as Origens até Nicolau de Cusa. Tradução e nota introdutória de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em:< <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso em: 20 de dez. de 2020.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 20 de dez. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em:< http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 20 de dez. de 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2 ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**: 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**: Prefácio Moacir Gadotti; tradução Lilian Lopes Martins. 34. ed. ver. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes e necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo, **Cartas a Guiné Bissau**: registro de uma experiência em processo. 7º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo; Sérgio Guimarães. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo; Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. **Extensão ou comunicação**. 22º Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2020.

GADOTTI, M. **Paulo Freire**: uma bibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire/Unesco 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de filosofia**. Um debate, muitas vozes. São Paulo: Loyola, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6472>. Acesso em: 04 set. 2018.

MATOS, Junot Cornélio; MEDEIROS, Adamo Micael. **Reflexões e contribuições para a metodologia do ensino de filosofia na perspectiva da Pedagogia da Autonomia freiriana**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 24: maio-out/2015, p. 121-136.

PHILOTHEUS, Boehner. ETIENNE, Gilson. **História da Filosofia Cristão**. Desde as Origens até Nicolau de Cusa. Tradução e nota introdutória de Raimundo Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1991.

PLATÃO. Diálogos: Eutífron – Fedon. In: **Apologia de Sócrates**. Críton. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

REALE, Giovanni, **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990 (Coleção Filosofia).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: cortez, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

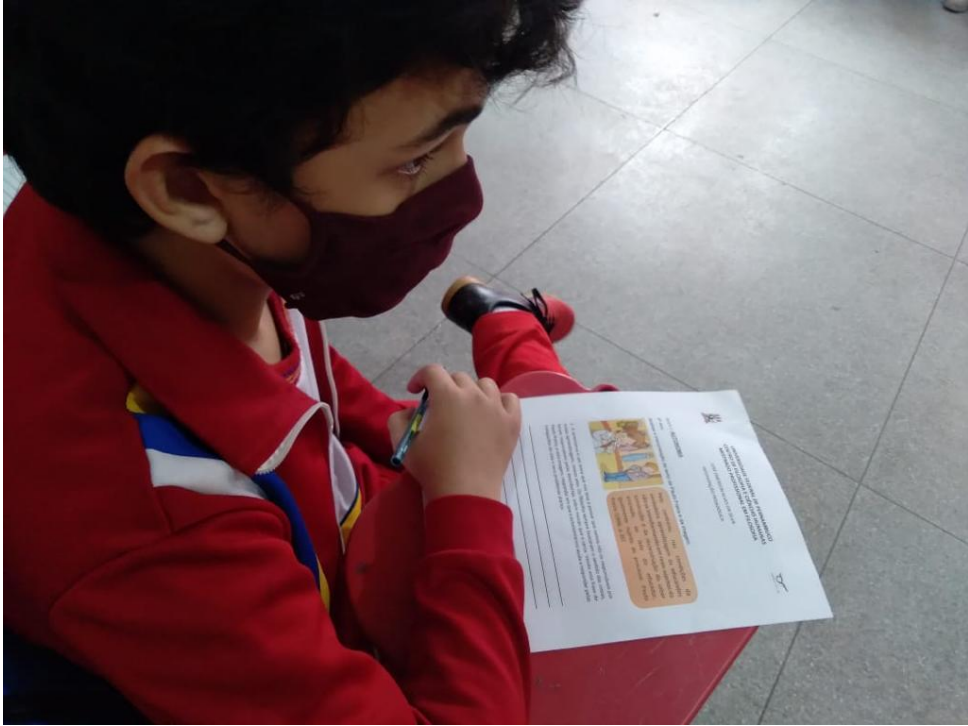
SOUZA, José Cavalcante de. **Os Pré-Socráticos**: Seleção de texto e supervisão. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

TORRES, C. A. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

APÊNDICE A – Imagens da realização da pesquisa em campo







ANEXO A – Aula 1 – CURIOSIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



JOSÉ EMERSON ALVES DA SILVA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

AULA 1: **CURIOSIDADE**

8º Ano

Análise e interpretação do texto de Paulo Freire e da imagem.



Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante de um mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Paulo Freire (1996, p.35)

A curiosidade é um tema que desperta inúmeras perguntas. Os filósofos sempre foram pessoas que buscaram o sentido das coisas, foram movidos pela a curiosidade na busca de entender o mundo que o cerca. Vendo esta frase de Paulo freire, e esta imagem, responda: em que a curiosidade nos ajuda a responder pelas indagações da vida e seu sentido.

2 - Como você se vê diante da curiosidade: caso sim, dê exemplos de como vem exercitando estas duas atitudes na prática de sua vida cotidiana.

3 - A escola, através das aulas vem contribuindo para o exercício da curiosidade? De que forma?

ANEXO B – Aula 2 - AUTONOMIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



JOSÉ EMERSON ALVES DA SILVA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

AULA 2: **AUTONOMIA**

8º Ano

Análise e interpretação do texto de Paulo Freire e da imagem.



Pelo contrário, nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Paulo Freire (1996. p.35)

1- A autonomia é um tema que nos leva a pensar que somos nós os responsáveis por nossa aprendizagem, nossos atos. Os filósofos sempre buscaram o sentido das coisas, foram responsáveis pelas descobertas, sobre mundo que o cerca. Vendo esta frase de Paulo freire, e esta imagem, responda: em que a autonomia nos ajuda a responder pelas indagações da vida e seus problemas diários.

2 - Como você se vê diante da autonomia: caso sim, dê exemplos de como vem exercitando estas duas atitudes na prática de sua vida cotidiana.

3 - A escola, através das aulas vem contribuindo para o exercício da autonomia? De que forma?

ANEXO C – Curiosidade/Autonomia na visão dos educadores



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



JOSÉ EMERSON ALVES DA SILVA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

CURIOSIDADE / AUTONOMIA

1- De que forma você professor ver que essas categorias trabalhadas por Paulo Freire são trabalhadas por você em sala de aula e como elas ajudam os alunos a despertarem para a AUTONOMIA E CURIOSIDADE.

[illegible]

2 – No exercício de sua prática pedagógica você tem a preocupação de desenvolver nos alunos as categorias da curiosidade e da autonomia? Caso sim, o que o/a motiva a trabalhar no seu cotidiano?

[illegible]

3 – Que atividades pedagógicas você desenvolve no cotidiano de sua ação docente com os alunos?

4 – Caso você venha trabalhando com estas duas categorias, que indicadores/ exemplos você pode indicar no desempenho dos alunos?
